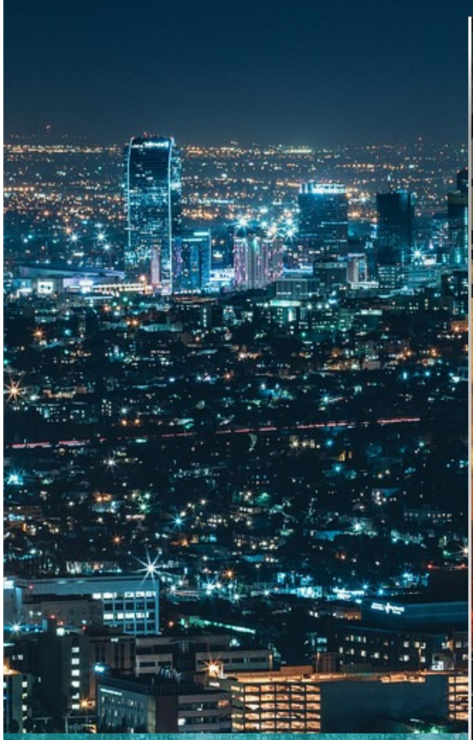
Kenneth L. Gentry, Jr.

O Histórico Problema do Hiperpreterismo

revista cristã
última chamada

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- Arrebatamento
- Fim do mundo
- Guerras
- Grande Tribulação
- Milênio
- Preterismo
- Pós-milenismo

www.revistacrista.org

O Histórico Problema do Hiperpreterismo

Kenneth L. Gentry, Jr.

Tradução e adaptação textual por
César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal
Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298
Operação: 013
Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

O Histórico Problema do Hiperpreterismo

Autor: Kenneth L. Gentry, Jr.

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem de Nick115 por Pixabay.com)

_____

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina
Dezembro de 2025

Índice

Lista de Abreviações **08**

Sobre o autor **10**

Não Me Canso de Denunciar **11**

I. Introdução **14**

A. Minha Preocupação Credal 15
B. Minha Preocupação Preterista 17
C. Minha Abordagem do Capítulo 20

II. Perigos do Hiper-Preterismo **22**

A. Os Erros Teológicos do Hiper-Preterismo 23

1. A Segunda Vinda de Cristo 24
2. A Ressurreição dos Mortos 25
3. O Corpo da Ressurreição 26
4. O Juízo Final 27
5. A Consumação 28
6. A Obra do Espírito Santo 29
7. A Trindade 30
8. A Doutrina do Inferno 31
9. O Papel de Satanás 32
10. O Evangelho de Cristo 33
11. Conclusão 34

B. O Relativismo Metodológico do Hiper-Preterismo 35
C. As Tendências Cultuais do Hiper-Preterismo 39

1. Resistência aos Credos 41
2. Chamados Zelosos para Seguir 45

3. Contexto da Igreja de Cristo 48
4. Indicadores Adicionais 50

III. Importância dos Credos 52

IV. Desvios dos Credos 61

A. A Ressurreição nos Credos 63
B. A Segunda Vinda nos Credos 68

V. Queixas Contra os Credos 70

A. "Credos Não Definem Ortodoxia" 72
B. "Não Temos Outro Credo Senão as Escrituras" 82
C. "Credos Não São Infalíveis" 86
D. "O Princípio da Reforma Contradiz o Credalismo" 88
E. "A Escatologia é Pouco Desenvolvida nos Credos" 94
F. "Credalistas se Contradizem" (Kenneth Gentry Rompe os Credos) 98
G. "Credos São Constantemente Revisados" 103
H. "O Credalismo Possui Perigos Inerentes" 106

VI. Conclusão 111

Obras importantes para pesquisa... 114

Lista de Abreviações

BDT	Richard S. Taylor, ed., *Beacon Dictionary of Theology* (Kansas City: Beacon Hill, 1983).
CBTEL	John McClintock and James Strong, *Cyclopedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature* (New York: Harper and Bros, 1867-87; rep. Grand Rapids: Baker, 1981).
DBI	R. J. Coggins and J. L. Houlden, *Dictionary of Biblical Interpretation* (London: SCM, 1990).
DHT	Trevor A. Hart, ed., *Dictionary of Historical Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 2000).
EDT	Walter A. Elwell, ed., *Evangelical Dictionary of Theology* (Grand Rapids: Baker, 1984).
ERF	Donald K. McKim, ed., *Encyclopedia of the Reformed Faith* (Louisville: Westminster, 1997).
HCC	Philip Schaff, *History of the Christian Church* (Grand Rapids: Eerdmans, rep. n.d. [1910]).
ISBE (1982)	Geoffrey W. Bromiley, ed., *The International Standard Bible Encyclopedia*, 2d ed., vol. 1 (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).
ISBE (1929)	James Orr, "Apostles' Creed," in James Orr and John Nuelson, eds., *International Standard Bible Encyclopedia* (Grand Rapids: Eerdmans, 1929).
MHT	Paul Enns, ed., *Moody Handbook of Theology* (Chicago: Moody Press, 1989).
NDT	Sinclair B. Ferguson, David F. Wright, and J. I. Packer, eds., *New Dictionary of Theology* (Downers Grove, Ill: InterVarsity, 1988).
NIBD	Herbert Lockyer, Sr., ed., *Nelson's Illustrated Bible Dictionary* (Nashville, Tenn.: Thomas Nelson, 1986).
NNCD	George Thomas Kurian, ed., *Nelson's New Christian Dictionary* (Nashville: Nelson, 2001).
OED	*Compact Edition of the Oxford English Dictionary* (Oxford: Oxford University Press, 1971).
RelEnc	Philip Schaff, ed., *A Religious Encyclopedia or Dictionary of Biblical, Historical, Doctrinal, and Practical Theology* (Chicago: Funk & Wagnalls, 1887), 3 vols.
WDCT	Alan Richardson and Alan Bowden, eds., *The Westminster Dictionary of Christian Theology* (Philadelphia: Westminster, 1983).

WDT Everett F. Harrison, Geoffrey W. Bromiley, and Carl F. H. Henry, eds., *Wycliffe Dictionary of Theology* (Peabody, Mass.: Hendrikson, 1960).

ZPEB Merrill C. Tenney and Steven Barabas eds., *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, (Grand Rapids: Zondervan, 1976).

Sobre o autor

Kenneth L. Gentry, Jr., Th.D., é um pastor, escritor, palestrante e conferencista conservador reformado. Nasceu e cresceu em Chattanooga, Tennessee. Obteve o seu título de Mestre em Divindade (M.Div.) no Reformed Theological Seminary e o Mestre (Th.M.) e Doutor em Teologia (Th.D.) no Whitefield Theological Seminary. Ele é o Diretor do NiceneCouncil.com e pastor na Reformed Presbyterian Church, General Assembly. É casado (desde 1971) e tem três filhos e cinco netos.

Não Me Canso de Denunciar

Hiperpreterismo, Preterismo Completo, Preterismo Total, Escatologia Plena, Consumada ou Realizada — todos esses termos funcionam, na verdade, como disfarces para uma mesma heresia: a afirmação de que todas as profecias bíblicas, sem exceção, teriam se cumprido na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

Para sustentar que a ressurreição dos mortos, o Juízo Final e o arrebatamento ocorreram no ano 70 d.C., os "teólogos" do Preterismo Completo precisam alterar elementos essenciais da Fé Cristã — incluindo a verdade da eterna Encarnação de Cristo após Sua Ascensão ao Céu.

A própria multiplicidade desses nomes já denuncia muito sobre essa doutrina enganosa. Em diversas obras e artigos, tenho procurado expor e alertar sobre esse erro, que chega a configurar um verdadeiro culto sectário. Meu trabalho tem sido incansável em terras brasileiras; enquanto muitos dos meus colegas teólogos parecem hibernar, os preteristas completos têm avançado com força, desafiando a Ortodoxia Cristã.

Quando imaginei que o assunto já estivesse esgotado, deparei-me com mais uma importante obra do Dr. Kenneth L. Gentry Jr. Preocupado com a saúde da Igreja de Cristo em seu país (EUA), ele também tem se dedicado, em diversos escritos, a refutar ponto por

ponto o Hiperpreterismo, o qual nega doutrinas centrais das Escrituras.

Esta obra não é apenas mais um livro genérico, mas um verdadeiro tesouro — um conteúdo rico, que servirá como uma bússola para o leitor atento.

Boa leitura!

César Francisco Raymundo,
editor da Revista Cristã Última Chamada.

"Amados, enquanto eu me esforçava para escrever-lhes acerca da nossa salvação comum, senti a necessidade de escrever-lhes, exortando-os a batalhar pela fé que de uma vez por todas foi entregue aos santos".

(Judas 3)

"Portanto, já não somos como crianças, levados de um lado para o outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina, pela astúcia dos homens, pela sua astúcia em induzi-los ao erro".

(Efésios 4:14)

I
Introdução

O cristianismo é uma religião histórica criada por uma fé sobrenatural. Os textos citados acima convocam a Igreja viva a permanecer firme em sua fé histórica, apesar de todos os desafios que enfrentará na Terra. E embora esses versículos também apresentem a promessa de vitória, Warfield observou perspicazmente: "os principais perigos para o cristianismo não vêm dos sistemas anticristãos. . . . São as formas corruptas do próprio cristianismo que ameaçam de tempos em tempos a vida do cristianismo". [1] Consequentemente, à medida que a Igreja resiste às tempestades de raios da oposição externa e aos ventos uivantes da corrupção interna enquanto navega através do tempo, ela deve apreciar seu passado doutrinário como "o lastro que a estabilizará nas tempestades do presente".[2]

[1] B. B. Warfield, Selected Shorter Writings of Benjamin B. Warfield (Phillipsburg, N.J.: P & R, rep. 1973), 2:665-66.

[2] David F. Wells, No Place for Truth: Or Whatever Happened to Evangelical Theology? (Grand Rapids: Eerdmans, 1993), 100.

A
Minha Preocupação
Credal

Este livro critica o Hiperpreterismo,[3] uma moda teológica corrosiva que está se infiltrando nas igrejas evangélicas e conservadoras. Iniciamos nossa crítica com o argumento histórico, ou seja, o argumento dos credos históricos da Igreja. Fazemos isso para estabelecer a importância do debate: defendemos a fé cristã histórica, corporativa, pública, universal e sistemática. Fazemos isso contra as forças erosivas da novidade que fluem dos afluentes da confusão histórica, da falha exegética, da ingenuidade teológica e das falácias lógicas. Iniciamos com o argumento credal não como a palavra final no debate, mas como a primeira palavra; não como nossa única preocupação, mas como uma preocupação crucial. Refletimos sobre a questão doutrinária devido ao nosso desejo de promover a "doutrina universal" da Igreja, a "herança da igreja", o "segundo pilar" da teologia evangélica, "a tradição histórica da única igreja verdadeira".[4]

Fazemos isso em contraposição à inovação, à experimentação e à obscuridade nas buscas teológicas. Os credos representam "a herança

---

[3] Hyper-Preterism is known by other names: pantelism, i.e., "all things-ism" (Jonathan Seraiah, The End of All Things: A Defense of the Future [Moscow, Ida.: Canon, 1999]). Hymanaenism, i.e, from 2 Tim. 2:17-18 (Jim West, "The Allurement of Hymenaen Preterism: The Rise of 'Dispensable Eschatology,'" Chalcedon website article). The adherents themselves generally prefer the labels "full preterism" or "consistent preterism," or sometimes even "covenant eschatology." One of the major branches of Hyper-Preterism has even copyrighted a label for their preterist approach to the millennial question: "Transmillennialism." See Max R. King's "Living Presence Ministries" website, FAQ #12.

[4] Stanley J. Grenz, Revisioning Evangelical Theology (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1993), 97, 105.

doutrinária pública da tradição cristã".[5] Assim, começamos por aqui, pois, como Rushdoony bem coloca: "O credo é a porta para a casa da fé".[6]

O hiperpreterismo surgiu entre cristãos (principalmente dentro da seita Igreja de Cristo) que demonstram pouco interesse na integridade doutrinária da fé cristã histórica. Um dos principais proponentes do movimento hiperpreterista expressa esta preocupação:

> "É seguro presumir que a igreja primitiva entendia todas as questões doutrinárias com tanta clareza que nenhum erro era possível?"[7]

No mesmo artigo, ele acaba declarando (sob sua própria responsabilidade):

> "Creio que chegou a hora de os credos serem revisados".

---

[5] Stephen Sykes, The Identity of Christianity: Theologians and the Essence of Christianity from Schleiermacher to Barth (Philadelphia: Fortress, 1984). Cited from Wells, No Place for Truth, 99.

[6] Rousas John Rushdoony, The Foundations of Social Order: Studies in the Creeds and Councils of the Early Church (Fairfax, Vir.: Thoburn, 1968), 1.

[7] Edward E. Stevens, "What If the Creeds are Wrong?" International Preterist Association internet paper.

B
Minha Preocupação Preterista

Embora alguns colaboradores deste livro não sejam preteristas, eu sou — no sentido histórico e ortodoxo do termo.[8] Tenho um profundo interesse em promover uma compreensão preterista de várias profecias do Novo Testamento.

Infelizmente, porém, a ascensão do hiperpreterismo tem me causado muita preocupação: tenho visto cristãos imaturos engolirem o sistema por completo e, em seguida, se embriagarem com uma arrogância semelhante à de um culto. Muitos pastores me ligaram pedindo conselhos sobre como lidar com fanáticos hiperpreteristas combativos que entram em suas congregações e perturbam a unidade e a paz da igreja. Tive amigos ministros que abandonaram seu preterismo ortodoxo por medo de serem confundidos com os extremistas. Li críticas mordazes de materiais hiperpreteristas que desprezam qualquer abordagem preterista.[9] Testemunhei hiperpreteristas causando preocupação devido à sua obsessão e obstinação.[10]

---

[8] See my contributions in: C. Marvin Pate, ed., Four Views on the Book of Revelation (Grand Rapids: Zondervan, 1998) and Thomas Ice and Kenneth L. Gentry, Jr., The Great Tribulation: Past or Future? (Grand Rapids: Kregel, 1999).

[9] A. Boyd Luter, Review of Beyond the End Times: The Rest of the Greatest Story Ever Told. By John Noe Journal of the Evangelical Theological Society 43:4 (December 2000): 743-744.

[10] Os organizadores da Conferência Nacional de Escatologia de Ligonier, em 1999, foram obrigados a abordar os hiperpreteristas, que ostentavam logotipos em camisetas, e orientá-los a cessar imediatamente sua prática de "proselitismo" entre os participantes, demonstrando seu zelo missionário. Em um evento da conferência, em abril de 2002, conversei brevemente com um líder do movimento que compareceu ao evento vestindo uma camiseta com a frase: "O Pit Bull do Preterismo". Uma ilustração

E, mais pessoalmente, em 1997, fui submetido a um exame presbiteriano implacável que (em parte) tentou equiparar meu preterismo histórico ao hiperpreterismo.[11] Suportei uma enxurrada avassaladora de e-mails contestando hiperpreteristas por discordar de seus pontos de vista. Resistência a respostas logicamente confusas, extremamente redundantes e fisicamente exaustivas aos meus escritos, vindas de teólogos hiperpreteristas.[12]

O hiperpreterismo é um movimento teológico heterodoxo pequeno, porém ativo, militante e crescente. Seus entusiastas adeptos exigem ruidosamente que aqueles que discordam deles parem seus trabalhos em tempo integral e lidem com todas as suas perguntas — ou morram a morte de mil e-mails. Um problema sério com o movimento em si — além de seu fanatismo e combatividade — é sua ingenuidade. O prefácio de um livro hiperpreterista de John Noe destaca inadvertidamente o problema (muito típico):

> "John não é um teólogo profissional. Ele não teve formação formal em seminário, mas isso pode ser uma vantagem".[13]

---

incomum da mentalidade unilateral dos entusiastas do hiperpreterismo é apresentada por Jim West em seu artigo no site Chalcedon: "O Fascínio do Preterismo Himeneu: A Ascensão da 'Escatologia Dispensável'". West observou que um visitante da igreja de um colega pastor assinou o livro de visitantes e, após seu nome, escreveu: "preterista".

[11] Some Christian scholars quickly write off preterism altogether—because of the extravagances of Hyper Preterism, e.g., Robert L. Reymond, A New Systematic Theology of the Christian Faith (Nashville: Thomas Nelson, 1998), 1067-68.

[12] Um panfleto de cinco páginas que escrevi intitulava-se "Uma Breve Análise Teológica do Hiperpreterismo" (1995). Ele gerou inúmeras "refutações", uma das quais tem cerca de 160 páginas. Certa vez, em tom de brincadeira, alertei Andrew Sandlin, editor do The Chalcedon Report, para que tivesse cautela ao responder aos hiperpreteristas, pois eles estavam desempregados e tinham acesso à internet. Depois de publicar seu artigo, ele me escreveu em menos de uma semana dizendo que havia entendido o que eu queria dizer.

[13] John Noe, Beyond the End Times: The Rest of... the Greatest Story Ever Told (Bradford, Penn.: Preterist Resources, 1999), x.

Por outro lado, a falta de formação em línguas bíblicas, princípios exegéticos, teologia formal e história da Igreja pode não ser útil para a interpretação bíblica. A crítica mordaz que mencionei anteriormente observou que "uma das tendências teológicas intrigantes da última década tem sido o papel dos leigos em teologia na elaboração e popularização de sistemas escatológicos".[14]

[14] Luter, Review of Beyond the End Times, 744. Dispensationalism is replete with such: Dave Hunt is a trained accountant; Tim LaHaye is a professional counsellor.

C
Minha Abordagem do Capítulo

As limitações de espaço impedem qualquer levantamento completo do grande corpo de escritos publicados pelos Hiperpreteristas (a maioria dos quais são postagens na Internet), bem como qualquer análise completa de alguns estudos específicos.

Para reduzir o projeto a proporções gerenciáveis, focarei principalmente (embora não exclusivamente) nos comentários doutrinários encontrados nos estudos de Edward E. Stevens. Faço isso por vários motivos:

> (1) Stevens é reconhecido como líder de uma das maiores facções desse movimento,
> (2) é o fundador da Associação Internacional de Preteristas,
> (3) mantém um dos sites mais importantes sobre Hiperpreterismo (www.preterist.org),
> (4) escreveu extensivamente sobre o assunto,
> (5) respondeu especificamente e detalhadamente à minha objeção à natureza anti-credal de sua teologia,[15] e
> (6) até afirma ter "abraçado a teologia reformada da aliança".[16]
> Usarei as seguintes abreviações para me referir a vários artigos do site de Stevens e de seus materiais impressos.

Observe que os artigos do site não possuem paginação:

---

[15] Edward E. Stevens, "Response to Gentry's Analysis of the Full Preterist View" (hereinafter RGA).

[16] Edward E. Stevens, What Happened in A. D. 70? (5th. ed.: Bradford, Penn.: Kingdom Publications, 1997), vi (hereinafter WH). Elsewhere he states: "It is especially important for all of us in the Reformed tradition...." Foreword to John Noç, Beyond the End Times, x.

CPO Stevens: “Creeds and Preterist Orthodoxy” (web article)

RGA Stevens: “Response to Gentry’s Analysis of the Full Preterist View” (web article)

WH Stevens: *What Happened in A. D. 70?* (5th. ed.: Bradford, Penn.: Kingdom Publications, 1997)

WICW Stevens: “What If the Creeds Are Wrong?” (web article)

ill also refer to other Hyper-Preterist materials from time to time, using the following abbreviations:

BET John Noē: *Beyond the End Times: The Rest of . . . the Greatest Story Ever Told* (Bradford, Penn.: Preterist Resources, 1999).

DAIS J. E. Gautier, “Do As I Say, Not As I Do” (web article)

PA J. E. Gautier, “Preterist Apologetic” (web article)

PEC David A. Green: “Preterism and the Ecumenical Creeds” (web article)

WHH Daniel E. Harden: “When Is a Heretic Not a Heretic”? (web article)

II
Perigos do Hiper-Preterismo

Uma das glórias da doutrina cristã é sua consistência sistêmica. McGrath observa que "as doutrinas não são declaradas ou desenvolvidas isoladamente. Elas interagem umas com as outras. Quando corretamente compreendidas, há uma maravilhosa coerência na doutrina cristã".[17] Van Til enfatiza a interdependência da doutrina da seguinte forma:

> "Um método de raciocínio verdadeiramente protestante envolve uma ênfase no fato de que o significado de cada aspecto ou parte do teísmo cristão depende do teísmo cristão como uma unidade".[18]

Infelizmente, essa coerência interna também pode servir como uma ladeira escorregadia para graves erros teológicos. Ou seja, quando um erro grave surge em uma área da doutrina, ele pode facilmente e rapidamente se espalhar para outras áreas. Já estamos testemunhando isso no Hiperpreterismo, à medida que ele se liberta de todas as restrições doutrinárias.

---

[17] Alister E. McGrath, Studies in Doctrine (Grand Rapids: Zondervan, 1997), 309.
[18] Cornelius Van Til, An Introduction to Systematic Theology (Phillipsburg, N.J.: P & R, 1974), 239.

A
Os Erros Teológicos do Hiper-Preterismo

Vou apresentar, de forma resumida, apenas dez áreas de preocupação relativas à teologia hiperpreterista atual. Esta breve análise destacará questões teológicas que não são questões menores de *adiaphora* [coisas indiferentes] em um campo restrito. Ao se afastar do cristianismo histórico nessas áreas, o hiperpreterismo está construindo uma teologia nova e aberrante; está reformulando radicalmente o sistema cristão. E isso é apenas o começo. Algumas das questões listadas abaixo não são diretamente relacionadas à formulação de credos, mas são, no entanto, evidências de uma perigosa manipulação da estrutura da teologia cristã.

1
A Segunda Vinda de Cristo

A razão de ser do hiperpreterismo é a negação do futuro retorno corporal de Cristo. Stevens afirma claramente:

> "Cristo retornou em 70 d.C."
> (WH5).

Ele observa a falha dos credos a esse respeito:

> "Os credos refletem essa mesma perspectiva futurista, aparentemente [!] alheios ao fato de que os eventos ocorreram em 70 d.C." (CPO).

Ward Fenley escreveu um livro intitulado: A Segunda Vinda de Jesus Cristo Já Aconteceu.[19]

[19] Ward Fenley, The Second Coming of Jesus Christ Already Happened (Sacramento: Kingdom of Sovereign Grace, 1997).

2
A Ressurreição dos Mortos

Stevens afirma que "a ressurreição e o julgamento em 70 d.C. foram eventos únicos e definitivos" (WH, 33). Ele explica que "os preteristas plenos acreditam que a Bíblia ensina que uma ressurreição coletiva ocorreria. Nós simplesmente discordamos das 'interpretações e aplicações' tradicionais do TEMPO e da NATUREZA dessa ressurreição" (RGA).[20] Ele adverte seus seguidores:

> "Nenhum cristão deve se alegrar ao percebermos o quão equivocada a igreja primitiva estava em sua compreensão do tempo e da natureza dos cumprimentos escatológicos. Mas não devemos hesitar muito em admitir seu erro e corrigi-los" (RGA).

[20] Enquanto Stevens sugere levianamente que "apenas" discorda da natureza e do momento desses eventos, Preston admite que "isso exigiria uma alteração radical de nosso conceito de julgamento e ressurreição. Embora seja verdade que tal alteração seja necessária, a mudança nos coloca em sintonia com a Bíblia, e isso nunca é errado." Don K. Preston, 2 Pedro 3: O Grande Reino Tardio (Shawnee, Okla.: n. p., 1990), 13. A discordância "apenas" de Stevens com a natureza e o momento da Segunda Vinda é como um mórmon declarar: "Nós apenas discordamos da natureza de Deus e de sua eternidade."

3
O Corpo da Ressurreição

Com relação ao corpo da ressurreição, Stevens argumenta que ele será "ressuscitado imortal com um corpo espiritual como o de Cristo" (RGA). Isso ocorre porque "o reino de Cristo não é deste reino físico. É um reino espiritual. Requer uma ressurreição espiritual para chegar lá, não uma ressuscitação física" (RGA). Ele até atribui sua visão a um teólogo controverso:[21]

> "Creio que a maioria dos preteristas plenos concordaria com isso. Murray Harris, em seus dois livros, Ressuscitado Imortal e Da Sepultura à Glória" (RGA).

Assim, de acordo com Stevens, "a verdadeira questão que deve ser abordada é se a Bíblia (não os credos) permite... 'qualquer outro tipo de ressurreição que não seja corporal'. Só porque os credos podem não permitir, não significa que a Bíblia não permita" (RGA).

---

[21] Veja, por exemplo: "Professor da Trinity atacado por ensinar sobre a ressurreição", Christianity Today, 36:13 (9 de novembro de 1992): 62; "A mãe de todas as confusões", Christianity Today, 37:3 (5 de abril de 1993): 62-66; Gary R. Habermas, "O debate evangélico recente sobre a ressurreição corporal de Jesus: um artigo de revisão" e Francis J. Beckwith, "Identidade e ressurreição — um artigo de revisão" no Journal of the Evangelical Theological Society, 33:3 (setembro de 1990): 370-81. Harris — e os hiperpreteristas — precisam ler as obras de Geerhardus Vos e Herman Ridderbos para entender a ressurreição física à luz do argumento de Paulo em 1 Coríntios 15.

4
O Juízo Final

Stevens argumenta que "a ressurreição e o julgamento em 70 d.C. foram eventos únicos assim como a Cruz e a ressurreição de Cristo. Eles nunca se repetirão" (WH, 33). Assim, a teologia credal é inerentemente equivocada: "embora nenhuma visão particular de escatologia tenha sido definida, há uma clara inclinação para o futuro nas declarações de escatologia credal. O Novo Testamento ensina uma ressurreição, julgamento, vinda e fim futuros porque esses eventos não haviam acontecido antes de ser escrito" (CPO). Consequentemente, "a redação dos credos poderia ser alterada para indicar que eles estão meramente refletindo a perspectiva futurista original do Novo Testamento, mas não necessariamente impondo uma abordagem futurista a qualquer pessoa após o primeiro século" (CPO).

5
A Consumação

A maioria dos hiperpreteristas ensina que a Terra durará para sempre. Este é o tema principal do livro de Noe, para o qual Stevens escreveu o prefácio (BET). Ao ensinamento cristão histórico sobre o fim do mundo, Noe responde:

> "A Bíblia nunca fala de um fim do tempo" (BET, 91).
>
> "Nunca vai acabar" (BET, 265).

E, para garantir, ele escreve:

> "O mundo nunca, repito, nunca vai acabar. Vivemos em um mundo sem fim" (BET, 45).

O prefácio de Stevens lamenta a esse respeito:

> "Por muito tempo, fomos impedidos por visões escatológicas que não foram desenvolvidas além dos conceitos do século II" (BET, x).

6
A Obra do Espírito Santo

Embora não seja diretamente uma questão de credo, a alteração radical da escatologia feita por Stevens muda o papel do Espírito Santo na redenção. Aqui começamos a ver alguns dos problemas sistêmicos gerados pelo Hiperpreterismo no importante campo da soteriologia:

> "Seu papel como Paráclito chegou ao fim... Agora temos o próprio Cristo habitando em nossos corações" (WICW).

> "Portanto, mesmo que não tenhamos o Espírito habitando e nos capacitando hoje, temos algo melhor" (WICW).

7
A Trindade

Stevens está tão preocupado com a teologia credal que faz sugestões perigosas a respeito da formulação histórica da doutrina da Trindade:

> "Acho que os credos podem ter ido longe demais ao tentar definir a Natureza Divina de maneiras que as Escrituras não necessariamente ditam. E se os credos formulassem uma posição interpretativa sobre a 'Trindade' que é antibíblica... Se tivéssemos nos atido às declarações das Escrituras... o povo judeu e muitos outros poderiam ter sido mais capazes de aceitar Cristo" [talvez como fizeram no livro de Atos?—KLG] (WICW).

A esse respeito, devemos observar que alguns dos seguidores de Stevens até se tornaram unitaristas, como ele próprio bem sabe por uma controvérsia que abalou seu próprio ministério hiperpreterista.[22]

[22] Edward E. Stevens, "Wanda Shirk & PIE," Kingdom Counsel (April 1994-Sept. 1996): 3-17.

8
A Doutrina do Inferno

Alguns hiperpreteristas começaram a notar a semelhança entre a linguagem da destruição de Jerusalém e as advertências bíblicas sobre o Inferno. Consequentemente, estão aplicando o ensinamento bíblico sobre o Inferno aos eventos de 70 d.C.

Samuel Dawson escreve:

> "Se o inferno é o que Jesus disse que era, o inferno não é um lugar, mas um evento — a destruição imparável e ardente de Jerusalém em 70 d.C."[23]

Isso serve como mais uma ilustração e advertência sobre sua ingenuidade exegética.

[23] Samuel G. Dawson, Os ensinamentos de Jesus sobre o inferno: um lugar ou um evento? (Puyallup, Washington: Gospel Themes, 1997). Seu site anuncia seu estudo sobre o inferno: "após anos de estudo, ele descobriu que nenhum de nossos conceitos tradicionais de inferno pode ser encontrado nos ensinamentos de Jesus Cristo!"

9
O Papel de Satanás

O Papel de Satanás. Alguns hiperpreteristas ensinam a morte atual de Satanás. Um colaborador do site hiperpreterista de Stevens, David A. Green, escreve:

> "O termo preterismo neste artigo refere-se à crença de que todas (ou praticamente todas) as profecias bíblicas estão cumpridas. Não se refere à crença no preterismo parcial, que afirma que a Grande Tribulação já passou completamente, mas que muitas outras coisas ainda não se cumpriram, principalmente: a Segunda Vinda, a morte do Diabo, a Ressurreição geral dos mortos e o Julgamento do Grande Trono Branco" (PEC, nota 1).

Don Preston escreve em um e-mail postado em 26 de março de 2002 no site "PlanetPreterist":

> "Jesus de fato lançou Satanás no inferno e quebrou seu poder;" e "Satanás foi finalmente derrotado, lançado no inferno".

10
O Evangelho de Cristo

À medida que o Hiperpreterismo continua através da mutação e da divisão celular, até mesmo o Evangelho da salvação está teoricamente aberto à reinterpretação. Green, no site de Stevens, admite:

> "Alguns preteristas e outros disseram que, como os credos foram escritos e endossados pela 'igreja institucional' (significando potencialmente a falsa igreja), não há razão para presumir que o verdadeiro Evangelho tenha encontrado seu caminho para os credos" (PEC, nota 2).

Embora ele não concorde com essas preocupações,
ele precisa se defender de membros do movimento que concordam.

Conclusão

Stevens pondera:

> "Surpreende-me a hesitação de Gentry em acreditar que a Igreja histórica poderia ter deixado passar algumas coisas" (RGA).

Algumas "coisas"? O hiperpreterismo, desvinculado da âncora do cristianismo histórico, está sendo levado por todos os ventos da doutrina. O hiperpreterista não será capaz de deter os ventos destrutivos clamando arbitrariamente por conta própria: "Paz! Acalmem-se!"

Testemunharemos cada vez mais como naufrágios himaneanos irão se espalhar pelas costas do hiperpreterismo onde quer que suas águas fluam.

McGrath adverte acertadamente:

> "A heresia é, portanto, claramente vista como uma versão defeituosa do Cristianismo. É uma versão do Cristianismo, no sentido de que aceita as principais premissas da fé — o que a distingue da descrença ou das crenças não cristãs. Mas precisamente por ser inadequada, representa uma ameaça ao Cristianismo... A heresia é simplesmente um Cristianismo de segunda categoria".[24]

E, como demonstraremos, o Hiperpreterismo é heresia.

[24] McGrath, Studies in Doctrine, 309.

B
O Relativismo Metodológico do Hiper-Preterismo

O hiperpreterismo é uma escatologia extremista que mina os fundamentos teológicos bem estabelecidos, seculares e universalmente afirmados da teologia cristã. Em um esforço para operar dentro das igrejas ortodoxas (seu segundo principal campo missionário depois da internet), os hiperpreteristas defendem o conhecido dogma humanista da tolerância. Para garantir seu lugar na Igreja, eles defendem um perigoso latitudinarismo, um relativismo teológico.[25]

Stevens reclama dos "perigos de usar nossas opiniões doutrinadas para definir nossos círculos de comunhão" (WICW). Ele critica a preocupação com a fidelidade doutrinária como uma forma de imaturidade espiritual:

> "Muitos cristãos simplesmente não amadureceram a ponto de permitir e tolerar opiniões" (CPO).

Sua visão de unidade cristã eleva a atitude acima da doutrina:

> "Unidade não é tanto concordar com uma lista de doutrinas (um credo), mas sim uma atitude de caridade (agradabilidade) e tolerância que dá liberdade para divergir sem que isso seja um teste de comunhão" (CPO).

[25] Para os perigos do latitudinarismo, veja Warfield, Selected Shorter Writings, 2:15 e seguintes: "O Direito da Teologia Sistemática". Veja também: John Murray, Collected Writings of John Murray (Edimburgo: Banner of Truth, 1982), 1:273-79: "Responsabilidade Corporativa"; 1:280-87: "A Base Credencial da União na Igreja".

De fato, em nosso debate teológico, ele clama por "tolerância e abertura em relação às crenças uns dos outros" (WICW).

Ao criticar a unidade enraizada na doutrina, Stevens chega ao ponto de argumentar que "não são as opiniões extremistas que perturbam a unidade, mas sim a forma exclusiva como essas opiniões são impostas. Visões extremistas têm muito mais probabilidade de serem toleradas se aqueles que as defendem forem tolerantes uns com os outros" (CPO). Dada a atual decadência doutrinária, ele provavelmente está correto: um sorriso sincero e um aperto de mão caloroso significam muito mais do que integridade doutrinária.[26]

Ele não apenas defende uma base atitudinal em detrimento de uma doutrinária para a aceitação e cooperação eclesiástica, mas tal tolerância inevitavelmente levará ao relativismo teológico. De fato, Stevens afirma expressamente que nunca podemos ter certeza de que o cristianismo detém a verdade:

> "À medida que os séculos se desenrolam e nossa compreensão da Bíblia melhora, mais e mais defeitos nos credos começarão a aparecer, como está começando a acontecer agora com a visão preterista [isto é, hiperpreterista]" (WICW). Por quê? Porque os credos "são um retrato do que os santos acreditavam e entendiam em um determinado momento e lugar da história" (WICW).
>
> "Os credos incorporavam a melhor compreensão e interpretação da verdade bíblica que eles conseguiram alcançar na época" (WICW).

[26] Para o problema da confusão e declínio doutrinários, veja: Wells, No Place for Truth e Michael S. Horton, ed., Agony of Deceit (Chicago: Moody, 1990). Andrew Sandlin, Keeping Our Sacred Trust: Biblical Authority, Creedal Orthodoxy, and Heresy (Vallecito, Calif.: Chalcedon, 1999).

Essa é precisamente a visão do liberalismo do século XIX em sua oposição à ortodoxia credal, pois, como observa Hatch, "os liberais teológicos tornaram-se cada vez mais inquietos com as definições credal rígidas do cristianismo".[27] De fato, isso se assemelha quase exatamente à rejeição dos credos pelos unitaristas:

> "O que os unitaristas contestam nesses ou em outros credos é a intenção implícita de vincular as gerações futuras às ideias, percepções, e palavras literais do passado. Pode muito bem ser que o Credo dos Apóstolos ou o Credo Niceno tenham sido formulações boas e precisas das crenças da maioria dos cristãos nos séculos III e IV. Mas não vemos nenhuma razão para que eles devam permanecer definitivos para as pessoas religiosas em todos os tempos".[28]

Assim, mesmo depois de 2000 anos, a Igreja não pode esperar proclamar nada além de uma mensagem que é potencialmente falha em sua essência. Stevens chega a deixar verdades fundamentais sobre a salvação expostas aos escândalos do tempo:

> "Mesmo nesta área de 'elementos essenciais para a salvação', devemos considerar a possibilidade de que tenhamos interpretado mal algumas coisas" (WICW).

Ele adverte:

> "Por que os credos não deveriam ser usados para testar a ortodoxia? Porque nunca podemos ter certeza de que os próprios credos sejam ortodoxos" (WICW).

---

[27] Nathan Hatch, "Sola Scriptura and Novus Ordo Seclorum," in Nathan Hatch and Mark Noll, eds., The Bible in America: Essays in Cultural History (New York: Oxford University Press, 1982), 63. As cited in Andrew Sandlin, Keeping Our Sacred Trust: Biblical Authority, Creedal Orthodoxy, and Heresy (Vallecito, Calif.: Chalcedon, 1999), 164.

[28] Harry C. Meserve, "Religion Without Dogma," in Harry B. Scholefield, ed., A Pocket Guide to Unitarianism (Boston: Beacon, 1954), 1.

Na prática, devemos adotar o princípio humanista de que nada é certo, exceto a mudança:

> "Um melhor entendimento será constantemente desenvolvido" (CPO).

Este é o fruto amargo do anticredalismo. E tal fruto é venenoso. Seu perigo torna-se ainda mais evidente quando percebemos a ingenuidade teológica de seus proponentes, uma ingenuidade não muito diferente da das Testemunhas de Jeová que batem às nossas portas. Essa postura teológica é paralela à Declaração de Auburn, que encorajou os tribunais da igreja presbiteriana a "aceitarem as diferenças teológicas dentro de seus limites e subordinarem-nas à lealdade reconhecida a Jesus Cristo e ao trabalho conjunto pelo reino de Deus".[29] O princípio da tolerância foi até mesmo defendido por liberais teológicos para acolher os mórmons na comunidade cristã de ideias, porque "os antigos simbolismos, os clichês, os antigos chavões dos quais o significado se perdeu, são irrelevantes".[30] O futuro doutrinário não é promissor para os hiperpreteristas.

---

[29] Philip W. Butin, "Auburn Affirmation," in ERP, 17

[30] Marcus Bock, "Review of C. S. Braden, These Also Believe in The Christian Century (July 6, 1949). Cited in Jan Karel Van Baalen, The Chaos of Cults: A Study in Present-day Isms (Rev. ed.: Grand Rapids: Eerdmans, 1956), 385.

C
As Tendências Cultuais do Hiperpreterismo

Como Samuel Miller (1769-1850) observou perspicazmente: "os oponentes mais ardentes e ruidosos dos credos têm sido aqueles que sustentavam opiniões corruptas".[31] Philip Schaff (1819-93) notou a mesma tendência:

> "As seitas heréticas ligadas ao protestantismo rejeitam, em sua maioria, os livros simbólicos por completo, como um jugo de autoridade humana e um novo tipo de papado".[32]

Um antigo ditado declara:

> "Os homens raramente se opõem aos credos, até que os credos se oponham a eles".

Romper com a doutrina cristã histórica é um ponto de partida necessário para as aberrações cultuais. Por exemplo, Joseph Smith afirmou que Deus lhe revelou que ele não deveria se unir a nenhuma igreja, pois "elas estavam todas erradas — seus credos eram uma abominação aos seus olhos; [...] elas ensinam como doutrinas os mandamentos dos homens".[33] Abaixo, destacarei alguns sinais de alerta que podem sugerir que estamos testemunhando o surgimento

---

[31] Samuel Miller, Doctrinal Integrity: The Utility and Importance of Creeds and Confessions and Adherence to Our Doctrinal Standards (Dallas, Tex.: Presbyterian Heritage, rep. 1841), 24

[32] Philip Schaff, The Creeds of Christendom: With a History and Critical Notes, 6th ed., ed. David S. Schaff, vol. 1, (New York: Harper and Row, 1931; reprint, Grand Rapids: Baker, 1990), 11

[33] Melvin Brooks, LDS Encyclopedia (Salt Lake City: Bookcraft, 1960), 73.

de uma nova seita heterodoxa que poderia eventualmente se transformar em um culto completo.

De fato, Stevens ameaça:

> "Se formos forçados a sair dos grupos atuais, não haverá outro recurso senão formar novos" (CPO).

De fato, algumas igrejas se organizaram em torno de princípios hiperpreteristas e agora estão desvinculadas da comunidade cristã em geral.[34]

Um hiperpreterista escreveu com orgulho:

> "Em muitos aspectos, os preteristas são as primícias da igreja emergente. A honra e a responsabilidade de preparar o caminho para que os demais nos sigam são nossas. Os muitos colaboradores deste e de outros sites preteristas revelam que Deus designou uma equipe de trabalhadores inteligentes e dispostos. Cabe a nós fazer o trabalho hoje para preparar a igreja para o amanhã. Os futuristas muitas vezes fogem do preterismo simplesmente porque nunca planejaram o futuro. Eles não têm modelos funcionais. Deus está nos chamando para começar a desenvolver esses modelos".[35]

---

[34] See the testimony, for example, on the Preterist Archive website: David B. Curtis, "The Birth of a Preterist Church."

[35] Albert Persohn, "It's the Church Stupid!" (www.planetpreterist.com article).

1
Resistência aos Credos

Como este capítulo se concentra na questão dos símbolos de credo, devo observar paralelos anti-credo entre cultos conhecidos e o hiperpreterismo. Por exemplo, os mórmons promovem sua concepção corpórea de Deus como um retorno ao cristianismo original e um afastamento dos credos. Ao apresentar o Credo Niceno, James Talmage explica:

> "A doutrina consistente, simples e autêntica a respeito do caráter e dos atributos de Deus, tal como ensinada por Cristo e pelos apóstolos, cedeu lugar quando a revelação cessou e quando a escuridão decorrente da ausência de autoridade divina caiu sobre o mundo... E em seu lugar apareceram inúmeras teorias e dogmas de homens".[36]

Um hierarca mórmon reclama:

> "No século IV, doutrinas formais chamadas credos foram formuladas, adotadas por concílios, e os dogmas nelas expressos foram impostos à igreja... Eventualmente, tornaram-se os padrões e guias aceitos em assuntos religiosos. São consideradas declarações de crença autorizadas... O mais benevolente que se pode dizer delas é que são feitas pelo homem".[37]

Outro líder mórmon afirma:

---

[36] James E. Talmage, A Study of the Articles of Faith: Being a Consideration of the Principal Doctrines of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints (Salt Lake City: Deseret, rep. 1984 [1913]), 42-43.

[37] Cited in Bruce R. McConkie, Mormon Doctrine (Salt Lake City: Bookcraft, 1966), 170-71.

> "Os credos da cristandade apóstata ensinam inverdades".[38]

O próprio Joseph Smith declarou:

> "Os credos estabelecidos estacas e dizem: 'Até aqui virás, e não mais além', o que não posso aceitar".[39]

Citando um episódio do ministério de Cristo que é um dos favoritos dos hiperpreteristas (Mateus 15:2-14; Marcos 7:2-13), as Testemunhas de Jeová reclamam dos credos:

> "Tais tradições foram registradas e publicadas por homens como sendo iguais às Escrituras inspiradas ou até mesmo superiores às Escrituras onde há um conflito entre as duas".[40]

Em outro lugar, elas insistem:

> "Precisamos examinar não apenas o que nós pessoalmente acreditamos, mas também o que é ensinado por qualquer organização religiosa com a qual possamos estar associados. Seus ensinamentos estão em plena harmonia com a Palavra de Deus ou são baseados nas tradições dos homens?"[41]

Soando muito como o título da publicação das Testemunhas de Jeová, Deixe Deus Ser Verdadeiro, Stevens insiste:

> "Deixe Deus por meio de Sua Palavra (não dos credos) ser o juiz" (WICW).

Noe nos desafia:

---

[38] McConkie, Mormon Doctrine, 440.
[39] Cited in McConkie, Mormon Doctrine, 171.
[40] Let God Be True (New York: Watchtower, 1946), 12.
[41] The Truth That Leads to Eternal Life (New York: Watchtower, 1968), 13.

> "Em quem devemos acreditar? Em Jesus e nos escritores inspirados das Escrituras, ou nos criadores não inspirados dos credos? Elevar essas doutrinas criadas pelo homem a uma posição muito elevada nos coloca em perigo de continuarmos o mesmo pecado pelo qual Jesus condenou os fariseus e escribas" (então ele cita Marcos 7:8-13) (BET, 215).

Ele chega a descartar condescendentemente a Segunda Vinda, introduzindo uma declaração a respeito dela:

> "Os tradicionalistas nos asseguram que..." (BET, 113).

Tenham coragem de resistir à doutrina tradicional da igreja e aos seus credos, ele desafia seus seguidores: "não nos deixemos intimidar ou manipular pelas tradições dos homens" (BET, 205).

O hiperpreterista Green admite que "alguns preteristas" se opõem tanto aos credos que rejeitam a "igreja institucional": "já que os credos foram escritos e endossados pela 'igreja institucional', [...] não há razão para presumir que o verdadeiro Evangelho tenha encontrado seu caminho para os credos" (PEC).

Em um testemunho sobre uma divisão na igreja a respeito do assunto, um pastor hiperpreterista escreve:

> "Deixe-me apenas dizer aqui que não renunciamos por causa da escatologia, renunciamos por causa do princípio da Reforma de 'Sola Scriptura!' Somente as Escrituras. Não importa o que as declarações doutrinárias dos homens digam, ou o que a tradição da Igreja diga, o princípio que precisa guiar nossas vidas é: O que as Escrituras dizem?"[42]

Stevens se coloca orgulhosamente contra a Igreja histórica:

---

[42] David B. Curtis, "The Birth of a Preterist Church." Web article from Preteristarchive.com.

> "Estou surpreso com a hesitação de Gentry em acreditar que a igreja histórica possa ter deixado passar algumas coisas" (RGA).

Ele argumenta que "os preteristas plenos são reformadores e, como tal, deveria ser óbvio que acreditamos que a igreja primitiva e os credos podem estar (e foram considerados) equivocados" (RGA). Ele chega a escrever como se séculos de estudo bíblico tivessem gradualmente construído o argumento para as conclusões hiperpreteristas:

> "Séculos de estudo bíblico posterior revelam que existem alguns problemas em nossas 'interpretações e aplicações' das Escrituras" com relação aos credos e à Segunda Vinda (RGA).[43]

Ele está confiante de que ele e seus seguidores finalmente resolveram o "problema" escatológico que escapou à Igreja Cristã universal e histórica:

> "Será possível que um erro tenha ocorrido muito cedo no período formativo dos credos e tenha se perpetuado ao longo dos séculos até ser finalmente notado por cristãos posteriores que entendem melhor as Escrituras?" (WICW).[44]

---

[43] Noe (BET, 196) de forma semelhante, as trombetas afirmam: "A principal ruína e o maior ponto cego do cristianismo por mais de dezenove séculos tem sido a sua incompreensão do retorno prometido por Jesus".

[44] Essa declaração confiante também lembra várias seitas que se consideram as responsáveis por finalmente trazer a verdade cristã pura ao mundo: os Santos dos Últimos Dias e as Testemunhas de Jeová (com o significado profético de 1914).

2
Chamados Zelosos para Seguir

Com um tom e zelo típicos de círculos sectários, Stevens escreve em um e-mail datado de 6 de fevereiro de 2002:

> "Somente a visão preterista possui a essência bíblica necessária para realizar a reforma que se faz necessária. Quanto mais cedo nós, que estamos sempre reformando, percebermos isso e nos conectarmos com essa visão, melhor. Por que ficar se contentando com um preterismo parcial de '3 ou 4 pontos' pelo resto da vida e perder a chance de ser um líder na próxima grande onda de reforma que está prestes a varrer o cenário cristão? O movimento preterista é de onde virá a próxima GRANDE reforma, já que SOMENTE uma abordagem preterista totalmente consistente das escrituras fornecerá uma VISÃO DE MUNDO irresistível e invencível com a qual moldar 'todas as gerações das eras das eras' que virão. A visão de mundo preterista parcial simplesmente não funciona, mesmo sendo reconhecidamente um passo na direção certa e muito melhor do que o que tínhamos nas gerações passadas. Mas não chega nem perto do poder apologético da visão preterista totalmente consistente.
>
> Vocês precisam respirar fundo e mergulhar no desenvolvimento contínuo do sistema preterista consistente e na cosmovisão resultante. Movimentem-se com todas as suas forças e voltem ao maximalismo interpretativo. A próxima reforma para vocês está à espera. Vão em frente. Vocês querem ser reformadores de verdade ou apenas sonhar com isso e um dia acordar e perceber que a oportunidade passou? Esta é a sua GRANDE chance".

Reconhecendo que sua abordagem (toda a sua "COSMOVISÃO") é contrária à Igreja cristã universal, histórica e ortodoxa, Noe exorta a uma mudança radical de compromisso na Igreja: Precisamos de "uma

nova maneira de pensar, uma nova perspectiva e uma mudança de paradigma em relação a algumas das posições tradicionais" (BET, 268). De fato, ele lamenta que "uma reforma dessa magnitude, embora desesperadamente necessária, seja muito mais fácil de delinear do que de realizar. A lealdade cega a tradições arraigadas impede isso" (BET, 205). Isso é necessário porque "a Igreja, desde a queda de Jerusalém, tem profetizado falsamente uma meia-verdade fé" (BET, 219). Consequentemente, "é tempo para essa reforma e para o povo de Deus sair desse 'engano dos eleitos' que já dura 19 séculos e contando" (BET, 219). (Isso soa como o aviso mórmon de que "até mesmo alguns dos 'eleitos' são enganados.")[45]

Com crescente confiança, Noe convoca os cristãos a alterarem os fundamentos da fé:

> "Devemos estar dispostos a admitir que estávamos errados e que interpretamos mal alguns aspectos muito importantes, fundamentais das Escrituras" (BET, 269).

Todas as expectativas cristãs de um fim da história devem ser abandonadas:

> "Essa doutrina tradicional, 'ortodoxa', baseada no medo, tem sido um paraíso de tolos. É uma concepção totalmente equivocada do plano redentor de Deus para as eras" (BET, 269).[46]

Por fim, ele não consegue se conter:

> "Mas ouçam — vocês ouvem o clamor ecoando por toda a terra? É o clamor da Reforma Profecia: 'libertado de uma vez por todas!

[45] McConkie, Mormon Doctrine, 194.

[46] Mais uma vez podemos discernir ecos de culto na literatura das Testemunhas de Jeová, como em Charles T. Russell, The Divine Plan of the Ages (Memphis: Associated Bible Students, rep. [1886]).

> Em breve, ele poderá crescer para um coro, depois para um rugido! Ouçam! É o som de uma fé se unindo em uma nova harmonia de perfeição e poder. É um clamor destinado a revolucionar a fé bíblica no novo milênio, mudando a maneira como ela é pregada, praticada e percebida. Que diferença positiva sua descoberta fará" (BET, 272).

Noe lamenta que "outros, suspeitamos, se entrincheirarão e resistirão à verdade da Palavra de Deus" (BET, 205). Como Stevens coloca, seu movimento preterista "apresenta uma oportunidade de reforma tão revolucionária para o desenvolvimento da interpretação bíblica quanto foi a primeira Reforma quatrocentos anos atrás... Esta é uma daquelas eras cruciais na história da Igreja em que nossa compreensão da verdade bíblica pode fazer um progresso tremendo" (WH). Suas ideias oferecem "um salto quântico e uma mudança de paradigma em nossa compreensão" (CPO). Isso porque "a maior parte do cristianismo tradicional interpretou mal a profecia bíblica durante seus primeiros dois mil anos" (WH). Tim King, escrevendo sobre o livro de seu pai, O Espírito da Profecia, profetiza com confiança:

> "Este foi o livro fundador do movimento escatológico que moldará o reavivamento religioso do terceiro milênio".[47]

[47] Tim King, "Quest Interview with Tim King: August 25, 1999 by Holy Ground Ministries." Posted on the Living Presence website.

3
Contexto da Igreja de Cristo

Muitos do movimento hiperpreterista estão atualmente ou vieram da Igreja de Cristo.[48] Essa seita surgiu do trabalho ministerial de Alexander Campbell na década de 1830 (portanto, seus adeptos às vezes são chamados de "campbellitas").[49] Algumas das atitudes e convicções desse movimento impactam o hiperpreterismo em muitos círculos, particularmente nas duas principais facções sob a liderança de Max King e Ed Stevens.

Embora Stevens tenha formalmente deixado a Igreja de Cristo, seu pensamento teológico é claramente influenciado por sua origem. Ele até menciona o movimento de "Restauração" campbellita ao lado da Reforma como um episódio importante na história da Igreja! Ele anseia por uma "melhor compreensão" da doutrina do que aquela encontrada nos credos, observando que "devemos continuar os esforços dos movimentos de reforma, restauração e reconstrução"

---

[48] O fundador e principal força motriz do Living Presence Ministries é Max King, um ministro da Igreja de Cristo. Seu filho, Tim King, é o presidente do LPM. Ed Stevens se formou no Instituto Bíblico da Igreja de Cristo e pregou por nove anos como um de seus ministros (WH, vi). Don Preston, outro escritor prolífico, é um de seus ministros em Oklahoma. Poderíamos acrescentar também os seguintes autores: Foy Wallace, Ron McRay, Arthur Ogden e Timothy A. James, para citar apenas alguns.

[49] Mead menciona o rótulo "Campbellitas" em seu Manual de Denominações nos Estados Unidos, rev. Por Samuel S. Hill (10ª ed.: Nashville: Abingdon, 1995), 95. Para uma importante crítica teológica ao Campbellismo, veja: Robert L. Dabney, Discussões: Evangélicas e Teológicas, vol. 1 (Londres: Banner of Truth, rep. 1967 [1890]), 314-49: "O Sistema de Alexander Campbell: Um Exame de Seus Pontos Principais". Dabney começa com o anti-credalismo do Campbellismo, expondo sua inconsistência e arbitrariedade.

(CPO).[50] O rótulo "Restauração" deriva de uma série de artigos escritos por Alexander Campbell em 1825, intitulada: "Uma Restauração da Ordem Antiga das Coisas". Nessa série, ele "argumentou pelo abandono de tudo o que não era usado entre os primeiros cristãos, como credos, confissões, palavras não bíblicas, frases, especulações teológicas, e pela adoção de tudo o que era sancionado pela prática primitiva. . . . Seu apelo não era por uma reforma, mas pela restauração da igreja original [sic]".[51] Veremos mais adiante como Stevens argumenta pela inclusão apenas de palavras bíblicas nos credos para retificar suas supostas deficiências. Já vimos como ele lamenta que a definição credal da Trindade tenha empregado palavras não bíblicas. Stevens chega a citar Campbell com aprovação em alguns trechos (por exemplo, WICW).

A preocupação de Stevens com relação aos credos também segue o padrão de Campbell. Campbell escreveu certa vez:

> "A partir de um levantamento completo das premissas da história eclesiástica, dos credos e seitas humanas... propusemos uma Reforma Evangélica — ou melhor, um retorno à fé e aos costumes antigamente entregues aos santos, uma RESTAURAÇÃO do cristianismo original em teoria e prática".[52]

Em outro lugar, Campbell comenta de uma maneira que antecipa a preocupação de Stevens com a unidade independentemente dos credos:

> "Todos os credos eram teorias da doutrina, disciplina e governo cristãos... Sendo especulativos, sempre se provaram 'maçãs da discórdia' ou 'raízes de amargura' entre os cristãos".[53]

---

[50] Em outro trecho, ele menciona novamente o movimento de Restauração ao lado da Reforma como uma influência positiva na história cristã (WICW).

[51] Elgin S. Moyer, Who Was Who in Church History (Chicago: Moody, 1962), 72.

[52] Alexander Campbell, Christian Baptism: Antecedents and Consequents (St. Louis: John Burns, 1882), 18.

[53] Campbell, Christian Baptism, 16.

4
Indicadores Adicionais

Numerosas características do movimento Hiperpreterista causam preocupação de que um culto possa estar se formando. Algumas delas podem ser descartadas como simples entusiasmo crédulo, mas alimentam a suspeita de que o cristianismo tradicional terá que ser substituído por esse novo paradigma. Três questões adicionais podem ser rapidamente mencionadas.

A Ceia do Senhor

Ao longo da história cristã, a Ceia do Senhor tem sido tomada como uma "lembrança" de Cristo que deixou este mundo para entrar no céu em antecipação ao seu futuro Retorno. Noe discorda disso:

> "Não precisamos mais tomar a comunhão de forma solene e memorialística, 'em memória' daquele que partiu (João 14:1-3). Tomamos a comunhão 'novamente' com Ele em celebração" (BET, 217; veja também 270).

Isso está relacionado não apenas à sua visão de um Segundo Advento completo, mas também parece ser incentivado por um papel diminuído do Espírito (veja os comentários acima).

O Calendário Cristão

Após 2000 anos de história da Igreja, o novo paradigma da história da redenção abre a perspectiva de uma reestruturação do calendário cristão. Noe explica:

> "Sustentamos que um dia literal em agosto ou setembro de 70 d.C. foi a terceira data mais importante da história da humanidade, juntamente com o Natal e a Páscoa. Chame-o de Parusia, ou Retorno de Cristo, ou Dia da Consumação, ou algo mais.
>
> Talvez os cristãos do futuro também celebrem seu aniversário algum dia. Ousamos diminuir sua importância?"[54]

Sua omissão do Pentecostes parece ser intencional, à luz da reorientação da pneumatologia na teologia hiperpreterista.

Uma Bíblia Especial

Diante da mudança de paradigma necessária no pensamento teológico do cristianismo, o que poderia ser mais útil do que uma Bíblia de Estudo Preterista? Stevens menciona planos para uma Bíblia de Estudo Preterista em seu livro "O Que Aconteceu em 70 d.C.?" (p. iv). É claro que Bíblias de estudo já inundam o mercado e não são um fenômeno intrinsecamente sectário. Já temos a Bíblia de Estudo Profecia de LaHaye com seus desenhos coloridos e a Bíblia de Estudo de Genebra com suas anotações acadêmicas. Mas aqui vemos mais uma vez a confiança hiperpreterista de que eles possuem a verdade e precisam incorporá-la à produção bíblica.

[54] Noe, BET, 220-21.

III
Importância dos Credos

Apesar das preocupações hiperpreteristas sobre os credos (ver "Queixas contra os credos" abaixo), as Escrituras legitimam os credos como um dever da Igreja. Os cristãos devem "permanecer na fé estabelecida e firme" (Colossenses 1:23), "manter a boa confissão" (1 Timóteo 6:12), "reter o padrão das sãs palavras" (2 Timóteo 1:13), "lutar fervorosamente pela fé que de uma vez por todas foi entregue aos santos" (Judas 3). O cristianismo se apega a um núcleo de teologia e busca mantê-lo, promovê-lo e defendê-lo, desenvolvendo credos em resposta a versículos como estes.[55]

Os cristãos devem reconhecer que "todo intérprete precisa distinguir entre os dados centrais [das Escrituras] e o que deles deriva. Portanto, todo estudante das Escrituras ou da tradição precisa ter uma regra de fé. Em um sentido fundamental, o credo é simplesmente a maneira como a Igreja lê as Escrituras".[56] Assim como os indivíduos são chamados a declarar publicamente sua fé (sem recitar toda a Bíblia), também a Igreja deve fazê-lo. E ela deve

[55] For a fuller justification of creeds from a Reformed perspective, see: Kenneth L. Gentry, Jr., Creeds and Confessions: A Defense of the Usefulness of Creeds (Elkton, Mary.: Kennethgentry.com, 2001). A. A. Hodge, Commentary on the Confession of Faith (Philadelphia: Presbyterian Board of Publication and Sabbath-School Work, 1923). Robert S. Rayburn, "Biblical and Pastoral Basis for Creeds and Confessions," in David W. Hall, ed., The Practice of Confessional Subscription (Oak Ridge, Tenn.: Covenant Foundation, 1997), 21-32.

[56] J. H. Leith, "Creeds," in WDCT, 131.

fazê-lo de forma clara, sucinta, precisa, pública, formal, corporativa, unida e relevante. Esta é uma função importante de um credo ecumênico. Consequentemente, por sua própria natureza, "os credos são intencionalmente católicos [isto é, universais], não sectários".[57]

O cristianismo ortodoxo sempre declarou, defendeu e promoveu um conjunto fundamental de doutrinas, um sistema teológico central. Tertuliano (c. 160-230) refere-se a vários artigos de doutrina que encontramos mais tarde no Credo dos Apóstolos como "a regra de fé", que ele considerava "totalmente única, imutável e irreformável".[58] Em suas aulas catequéticas, Cirilo de Jerusalém (c. 375) falou da fé da Igreja universal (Cat. 17:3) e da "fé santa e apostólica" (Cat. 18:32), e de tal maneira que se assemelha bastante ao Credo Niceno.[59] Vicente de Lérins (m. 450 d.C.) exortou os crentes a se apegarem àquela verdade que é "em todo lugar, sempre e por todos crida" (ubique, semper, et ab omnibus).[60] Por 665, o Credo dos Apóstolos foi chamado de "símbolo da fé cristã" por Fructoroso.[61] Nesse sentido, o cristianismo é uma fé corporativa e histórica, Lancelot Andrewes (m. 1626) observou que "o cristianismo ortodoxo se baseava em dois testamentos, três credos, quatro evangelhos e os primeiros cinco séculos da história cristã". [62] Os três credos fundamentais da santa fé cristã são o Credo dos Apóstolos, o Credo Niceno e o Credo Atanasiano, pois "na história cristã, esses três credos da igreja primitiva alcançaram particular destaque".[63]

---

[57] J. H. Leith, "Creeds," in WDCT, 131.
[58] Cited in Philip Schaff, The Creeds of Christendom, 2:17.
[59] Schaff, The Creeds of Christendom, 2:32.
[60] Harold O. J. Brown, Heresies: Heresy and Orthodoxy in the History of the Church (2d. ed.: Peabody, Mass.: Hendrickson, 1984), 9.
[61] Kelly, Early Christian Creeds, 371.
[62] Cited from Alistair McGrath, Christian Theology: An Introduction (3d. ed.: Oxford: Blackwell, 2001), 8.
[63] EDT, 284. See also: CBTEL, 2:559; BDT, 53; Schaff, The Creeds of Christendom, 1:12. A. H. Leitch, "Creed, creeds," in ZPEB, 1:1027. John H. Leith, "Creeds," in WDCT, 132. Alistair McGrath, "I Believe": Exploring the Apostles' Creed (2d. ed.: Downers' Grove, Ill.: Inter-Varsity, 1997), 13-14.

Por exemplo, devemos observar que o Credo dos Apóstolos é "a declaração resumida mais amplamente aceita da fé cristã".[64] Este credo "tem a fragrância da antiguidade e o peso inestimável do consenso universal. É um vínculo de união entre todas as épocas e seitas da cristandade".[65] É "um resumo antigo da fé cristã, no qual todas as igrejas cristãs, gregas, romanas e protestantes, concordam".[66] "Ele manteve, nos tempos modernos, sua distinção como o credo mais amplamente aceito e usado entre os cristãos".[67]

Embora a forma exata do Credo dos Apóstolos que usamos hoje (conhecida como textus receptus) date apenas do século VI, ela é descendente direta do Rituale Romanum. E este "Antigo Credo Romano" data de 150 d.C., tendo surgido em resposta às tendências gnósticas do heresiarca Maricon (fl. 140-150).[68] Ele diz:

> "Creio em Deus Pai Todo-Poderoso. E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, que nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria; crucificado sob Pôncio Pilatos e sepultado; ao terceiro dia ressuscitou dos mortos; subiu aos céus e está sentado à direita do Pai, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos. E no Espírito Santo; na santa Igreja; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo; na vida eterna".

Na verdade, o Credo dos Apóstolos é "o antigo credo de Roma enriquecido".[69] Ele "difere do antigo Credo Romano principalmente

---

[64] J. Gordon Melton, American Religious Creeds, 3vols., (New York: Triumph, 1991), 1:1.
[65] Schaff, Creeds of Christendom, 1:15.
[66] CBTEL, 2:559.
[67] O. G. Oliver, "Apostles' Creed," in EDT, 73.
[68] William M. Greathouse, "Apostles' Creed," in BDT, 46. See also: Bruce Demarest, "Creeds," in NDT, 179. Frances Young, "Creed," in DBI, 150. ISBE1 1:627; 2:1245; MHT, 3:28.
[69] Kelly, Early Christian Creeds, 101. Cf. Kurt Alan, History of Christianity from the Beginnings to the Threshold of the Reformation (Philadelphia: Fortress, 1985), 117.

por sua extensão: frases são acrescentadas..., mas praticamente nenhuma é removida".[70] O Credo dos Apóstolos diz:

> "Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra; e em Jesus Cristo, seu Filho unigênito, nosso Senhor, que foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria; padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao inferno; ao terceiro dia ressuscitou dos mortos; subiu ao céu; e está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso; de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na santa Igreja Católica; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; e na vida eterna. Amém".

O Credo dos Apóstolos foi uma afirmação doutrinária de vital importância para a Igreja Cristã ortodoxa.

Em contraposição às heresias gnósticas, ele intencionalmente, especificamente e claramente afirmou a relação de Deus com a ordem material. Fez isso afirmando: Deus criou o mundo material ("Criador do céu e da terra"); a encarnação física de Cristo ("concebido pelo Espírito Santo, nascido da Virgem Maria"); seu sofrimento histórico ("sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado"); sua ressurreição corporal no tempo e na terra ("ao terceiro dia ressuscitou dos mortos"); sua ascensão corpórea ("Subiu aos céus"); e seu retorno futuro ("de onde há de vir para julgar os vivos e os mortos"). Continuando nessa direção, também afirma a futura ressurreição corporal dos mortos ("a ressurreição do corpo").

Cada um dos elementos que listei enfatiza a historicidade da fé cristã em contraposição às tendências espiritualizantes dos gnósticos.[71] Segundo Brown:

---

[70] Joseph T. Lienhard, "Apostles' Creed," in DHT, 22.

[71] Oliver, "Apostles' Creed," in EDT, 73; and G. W. Bromiley, "Creed, creeds," in EDT, 284.

> "Assim como as doutrinas da encarnação e da ressurreição, a doutrina da Segunda Vinda coloca o espírito e o divino em contato direto e íntimo com o humano e o carnal. Marcião não acreditava em uma encarnação real e, consequentemente, não havia lugar lógico em seu sistema para uma Segunda Vinda real".[72]

O ataque gnóstico foi tão implacável, a ameaça tão real que, segundo o estudioso de credos J. N. D. Kelly, vários itens nos primeiros credos estavam "a caminho de se tornarem estereotipados", recorrendo "com regularidade persistente e em linguagem mais ou fixa", incluindo (mais significativamente para os nossos propósitos) "Sua futura vinda para julgar os vivos e os mortos".[73]

O Credo Niceno (mais precisamente: Credo Niceno-Constantinopolitano) expande as afirmações doutrinárias contidas no Credo Romano Antigo/Apostólico, especialmente aprofundando a doutrina da divindade de Cristo. Para os nossos propósitos, devemos observar a reiteração deste credo sobre a futura vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos:

> "Ele padeceu e foi sepultado; e ao terceiro dia ressuscitou, segundo as Escrituras; e subiu ao céu, e está sentado à direita do Pai; e há de vir novamente, com glória, para julgar os vivos e os mortos... e aguardamos a ressurreição dos mortos".

Observando mais uma vez a preocupação com uma concepção material dos elementos históricos da fé cristã, o Credo Atanasiano diz em parte:

> "Pois assim como a alma racional e a carne são um só homem, assim também Deus e o homem são um só Cristo; que sofreu por nossa salvação, desceu ao inferno, ressuscitou ao terceiro dia dentre

[72] Brown, Heresies, 65.
[73] Kelly, Early Christian Creeds, 94-95.

> os mortos; subiu ao céu, está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso; de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Em cuja vinda todos os homens ressuscitarão com seus corpos".

Consequentemente, como observa McGrath, "qualquer que seja o fator que divida um grupo de cristãos de outro, os credos fornecem um resumo dos pontos que os unem",[74] isto é, os fundamentos teológicos de nossa fé. Stevens parece acreditar que os credos foram concebidos para estabelecer a unidade institucional, incorporando todos os crentes em uma única estrutura histórica, ou pelo menos removendo as barreiras institucionais entre as denominações. Ele objeta:

> "Mas a unidade nunca realmente aconteceu. Talvez tenha sido porque depositaram muita autoridade e muitas expectativas nos credos" (CPO).

Na verdade, os credos unem os cristãos em um corpo de fé (o cristianismo se distingue dos não cristãos e dos hereges pelos resumos credenciais da fé), mesmo que existamos em várias comunhões eclesiásticas separadas.[75]

Como McGrath argumenta habilmente: "a doutrina, portanto, busca preservar a identidade da igreja",[76] pois "o conceito de 'recepção' é de importância central para o conceito de doutrina, visto que uma comunidade está envolvida na avaliação de se uma decisão, julgamento ou opinião teológica é consistente com sua compreensão corporativa da fé cristã. A doutrina é um ensinamento com autoridade comunitária considerado essencial para a identidade da comunidade cristã".[77]

---

[74] McGrath, Christian Theology, 311.
[75] For a helpful distinction between institutional unity and spiritual (doctrinal) unity, see: Dabney, Discussions: Evangelical and Theological, 1:323-325.
[76] McGrath, Studies in Doctrine, 266.
[77] McGrath, Studies in Doctrine, 267.

As Escrituras não apenas obrigam a Igreja a declarar sua fé ao mundo, mas, como observa Packer, "a ideia de ortodoxia tornou-se importante na igreja no segundo século e posteriormente, por meio do conflito primeiro com o gnosticismo e depois com os erros trinitários e cristológicos. A preservação do cristianismo passou a exigir a manutenção da ortodoxia nessas questões. A estrita aceitação da 'regra da fé' (regula fidei) foi exigida como condição para a comunhão, e credos que explicavam essa 'regra' foram multiplicados".[78] No terceiro século da era cristã, houve uma grande entrada de convertidos do paganismo nos seios da Igreja. Tal como na crise gnóstica anterior, os fundamentos doutrinários da Igreja estavam mais uma vez em perigo de corrosão, daí a formulação de credos mais detalhados.[79]

Os hiperpreteristas tendem a confundir as coisas com queixas mal direcionadas, geradas por um raciocínio confuso. Por exemplo, num artigo em que Stevens se opõe à minha defesa dos credos ecuménicos em contraposição ao hiperpreterismo, ele argumenta (equivocadamente) que eu violo a minha adesão à Confissão de Fé de Westminster. Ele reclama então que Gentry "ainda acredita que as Escrituras previram o retorno de Cristo e os outros eventos escatológicos, mas reinterpreta o tempo e a natureza do cumprimento desses eventos. Ele acrescentou as suas próprias 'interpretações e aplicações' do tempo e da natureza do cumprimento" (RGA; ênfase minha). Observe o que ele está fazendo: (1) Ele está argumentando como se minha crença em um futuro retorno corporal de Cristo fosse minha "própria 'interpretação'". Isso é absolutamente equivocado e contrário ao propósito de minha referência aos credos: a visão que defendo é a da Igreja Cristã histórica ao longo dos séculos. E (2) ele está ilustrando sua queixa imaginando que eu violei a Confissão de Fé de Westminster à qual me subscrevo — o que não faço (veja minha

[78] J. I. Packer, "Orthodoxy," in EDT, 808.
[79] Kelly, Early Christian Creeds, 100.

resposta em "Queixas Contra Credos"). Sua hesitação e confusão aqui são sintomáticas de todos os seus escritos que li e são um motivo pelo qual geralmente não me dou ao trabalho de respondê-los.

Tentando derrubar as convicções doutrinárias da fé cristã, os hiperpreteristas argumentam coisas como:

> "O tema da escatologia nunca foi debatido por nenhum dos concílios ecumênicos" (RGA).
>
> "Não havia uma posição uniforme sobre todas as doutrinas na tradição primitiva" (CPO).
>
> Os cristãos tradicionais "construíram uma cerca doutrinária para impedir a heresia, mas não perceberam que construíram seus próprios muros de prisão. Nada restou no âmbito da opinião para estudo futuro e melhor compreensão" (WICW).

Nenhuma dessas queixas é válida. Na verdade, a escatologia básica dos credos (um futuro retorno corporal de Cristo e uma ressurreição corporal) foi colocada neles como uma resposta ao gnosticismo e sua negação da importância do reino material. Ao colocar esses elementos nos credos, a Igreja primitiva estabeleceu claramente os fundamentos da escatologia, evitando os detalhes dos sistemas milenaristas. Esses princípios básicos foram frequentemente e amplamente estudados pelos pais antes de chegarem aos concílios e não exigiram debates adicionais. O argumento de Stevens não é apenas irrelevante, mas simplesmente confunde leitores desavisados que pensam que um ponto foi marcado. Além disso, como o fato de não haver uma "posição uniforme sobre todas as doutrinas" invalida o fato de haver uma posição uniforme sobre algumas doutrinas (esta é a falácia lógica informal da generalização apressada)?

E como o estabelecimento de uma escatologia minimalista implica que "nada resta no âmbito da opinião para estudo futuro e melhor compreensão" (WICW)? Isso simplesmente não faz sentido: muitos itens de interesse escatológico foram deixados fora das restrições doutrinárias para elucidação posterior (por exemplo, cada uma das três principais visões milenaristas pode afirmar os credos ecumênicos, mas ainda debater os detalhes mais sutis dos sistemas milenaristas). Os hiperpreteristas precisam entender que "os credos, tal como surgiram historicamente, nunca tiveram a intenção de ser resumos abrangentes da fé cristã em todos os seus aspectos".[80] Eles eram breves "marcas distintivas dos fiéis, que os diferenciavam dos não crentes e hereges".[81] Nem um credo nem uma confissão são "um comentário sobre toda a Escritura, nem uma teologia sistemática".[82]

[80] Kelly, Early Christian Creeds, 165.
[81] "Creed," in NNCD, 216.
[82] Murray, Collected Writings of John Murray, 1:283.

IV
Desvios dos Credos

Para complicar ainda mais as coisas, depois de criticarem o credoísmo, muitos hiperpreteristas acabam afirmando ser credalistas. Na resposta de Stevens para mim, ele escreve:

> "Gentry e eu subscrevemos a mesma lista de eventos e doutrinas bíblicas nos credos. A diferença está no tempo e na natureza das 'interpretações' de cumprimento que foram aplicadas a essas doutrinas" (RGA).

Noe concorda:

> "A visão preterista [isto é, hiperpreterista] de que Cristo retornou como e quando Ele disse que retornaria e era esperado em 70 d.C., não está em conflito com, mas honra os principais credos da Igreja indivisa. Essa visão não é herética, é bíblica...
>
> Portanto, qualquer pessoa que defenda uma visão preterista [isto é, hiperpreterista] do retorno do Senhor pode subscrever de todo o coração às porções escatológicas dos principais credos" (BET, 214).

Isso pode acalmar os receios de alguns hiperpreteristas que prefeririam permanecer dentro dos limites da ortodoxia, mas é, no mínimo, desonesto.

Por razões de economia de espaço, focarei nas questões da ressurreição corporal e da Segunda Vinda, os principais pontos em disputa. Segundo Schaff:

> "O retorno de Cristo ao julgamento com suas recompensas e punições eternas é o centro da fé escatológica da igreja. O julgamento é precedido pela ressurreição geral e seguido pela vida eterna. Essa fé é expressa nos credos ecumênicos".[83]

Considerarei primeiro a ressurreição porque ela está enraizada na ressurreição histórica (anterior) de Cristo.

[83] Schaff, HCC, 2:597-98.

A
A Ressurreição nos Credos

O hiperpreterismo nega que os corpos que habitamos durante nossa jornada terrena ressuscitarão em uma ressurreição física. Em um e-mail para Gary DeMar e para mim (datado de 23 de junho de 1997), Stevens escreveu:

> "Paulo ensina que o corpo (a semente) que é plantado no pó da terra (morte física) não é o corpo que virá a ser, mas que Deus dará à semente um novo tipo de corpo que surge do pó da terra (morte física). A casca externa da semente (o corpo físico) morre e se decompõe na terra, enquanto o germe vivificado da vida dentro da semente brota em um novo tipo de corpo adequado para sua existência celestial. Essa ressurreição ocorre no momento da morte física, quando o corpo físico se separa do germe interior da vida".

Ele introduziu isso observando:

> "Eu adoto basicamente a mesma visão do nosso corpo ressurreto que Murray Harris (veja seu livro, Da Sepultura à Glória)".

Max King concorda:

> "Uma ressurreição física, no entanto, é negada (e com apoio bíblico), mas o recebimento de um corpo espiritual na morte é afirmado".[84]

Calvino considera tal ensinamento "monstruoso":

> "Igualmente monstruoso é o erro daqueles que imaginam que as almas não receberão os mesmos corpos com os quais estão agora

[84] Max R. King, The Spirit of Prophecy (Warren, Ohio: Max R. King, 1971), 204.

> revestidas, mas serão dotadas de novos e diferentes corpos" (Inst. 3:25:6).

A visão hiperpreterista da ressurreição (tanto de Cristo quanto dos crentes) é muito semelhante à compreensão sociniana. Fausto Socino (1539-1604) acreditava que "o corpo presente deve morrer, para que outro novo possa surgir dele".[85] Um de seus seguidores, um alemão chamado Valentin Smalcius, explica:

> "Estes corpos, que agora carregamos conosco, acreditamos que não ressuscitarão, mas somos ensinados pelo apóstolo que outros nos serão dados".[86]

De acordo com Turretin, Smalcius "deseja que as palavras do Credo sejam assim entendidas: 'Creio que existirá novamente o que antes era carne'". [87] Ele chega a argumentar contra um certo Frantiziuis:

> "Estabelecido isso, que nossos corpos serão gloriosos, é impossível que tais corpos existam depois, como os que têm carne e sangue; pois carne, sangue e espírito diferem em sua essência".[88]

Isso pode explicar por que alguns dos seguidores de Stevens se tornaram unitaristas (os herdeiros modernos do socinianismo).[89]

---

[85] Cited in Turretin, Institutes of Elenctic Theology, 3:571. See also: CBTEL, 9:845.
[86] Cited in Turretin Institutes of Elenctic Theology, 3:571.
[87] Turretin, Institutes of Elenctic Theology, 3:571.
[88] Cited in Turretin, Institutes of Elenctic Theology, 3:571.
[89] Veja a admissão de Stevens em: Stevens, "Wanda Shirk & PIE", 3-17. Para mais informações sobre o Socinianismo, veja: David B. Parke, ed., The Epic of Unitarianism: Original Writings from the History of Liberal Religion, (Boston: Starr King, 1992) e Earl Morse Wilbur, A History of Unitarianism, 2 vols. (Cambridge, Mass.: Cambridge Univ. Press, 1947, 1952), especialmente v. 1 Socinianism and Its Antecedents. Embora o Socinianismo seja o precursor do moderno Unitarianismo, devemos observar diferenças significativas, uma das quais é: "Os socinianos genuínos se apegavam

Essa visão da ressurreição também é próxima à das Testemunhas de Jeová, que falam da "ressurreição para a glória celestial como criaturas espirituais".[90] Em outro lugar, elas interpretam 1 Coríntios 15 de uma maneira quase exatamente paralela aos comentários de Stevens acima:

> "O apóstolo Paulo explica que não é o corpo que é ressuscitado, mas sim, ele compara a experiência deles ao plantio e germinação de uma semente, em que 'Deus lhe dá um corpo como lhe aprouve.' (1Co 15:35-40) É a alma, a pessoa, que é ressuscitada, com um corpo adequado ao ambiente no qual Deus a ressuscita".[91]

Sobre a ressurreição de Cristo, as Testemunhas de Jeová escrevem:

> "Jeová Deus o ressuscitou dos mortos, não como um Filho humano, mas como um poderoso Filho espiritual imortal... Jesus não levou seu corpo humano para o céu para ser para sempre um homem no céu... Deus o ressuscitou para a vida imortal como um espírito glorioso criatura".[92]

Os cristãos ortodoxos podem apontar para uma adesão quase universal na Igreja cristã histórica à ressurreição física (que era uma característica distintiva do cristianismo em oposição ao helenismo[93]). Encontramos isso em Clemente (falecido em 100), 1 Clemente 24-26; no pseudo-clementino 2 Clemente, 9; Barnabé 5:6ss (c. 107); 21:1; Justino Mártir (100-65), Primeira Apologia 18; Sobre a Ressurreição; Irineu (fl. 175-95), Contra Heresias 1:22:1; 27:3; 5:2:2; Tertuliano (160-225), A Ressurreição da Carne; Taiti (falecido em 180), Aos

---

firmemente à autoridade das Escrituras e a um sobrenaturalismo muito positivo." Johann J. Herzog em RelEnc, 3:2208.

[90] The Truth That Leads to Eternal Life (New York: Watchtower, 1968), 45.

[91] N. a., Insight on the Scriptures (Brooklyn, N.Y.: Watch Tower, 1988), 2:786.

[92] Let God Be True, 38, 40, 41.

[93] Brown, Heresies, 31.

Gregos, 6; Atenágoras (c. 175), Sobre a Ressurreição dos Mortos; Teófilo (falecido em 183), A Autólico 1:7; Hipólito (160-236), Contra Platão 2; e Metódio (815-85), Discurso sobre a Ressurreição, para citar apenas alguns. Kelly observa sobre a igreja do segundo século que "qualquer pessoa que folheie as páginas dos primeiros pais da igreja terá uma impressão vívida da imensa importância que a esperança da ressurreição tinha para a igreja do segundo século".[94]
A título de exemplo, Tertuliano argumentou a favor da ressurreição do próprio corpo em que morremos:

> "A ressurreição dos mortos é a esperança do cristão. Por ela somos crentes" (Res. 1). Ele fala claramente de uma ressurreição carnal: per carnis etiam resurrectionem ("pela ressurreição da carne") e cum carnis restitutone ("com a restituição da carne").[95]

Kelly observa que em Tertuliano "a ressurreição da carne é fortemente enfatizada".[96]

Essa ênfase na ressurreição da carne (Gr. sarkovH [sarkos]; Latim: carnis) aparece por toda a cristandade em numerosos credos menores, como a oração credal egípcia do Papiro Dêr Balyzeh; o credo latino na Prescrição Contra os Hereges de Tertuliano (cap. 36) e os credos italianos de Aquileia, Ravena e Turim; em Cartago, o credo de São Fulgêncio; nas Constituições Apostólicas Sírias, ; o credo espanhol em Prisciliano; e os credos gauleses em São Fausto de Rietz e São Cesário de Arles.[97] Assim, Irineu comenta:

> "A igreja, embora dispersa por todo o mundo inteiro, até os confins da terra, recebeu dos apóstolos e seus discípulos esta fé... [Ele] 'ressuscitará toda a carne da raça humana'" (Ag. Her. 1:10:1; cf. 5:20:1).

---

[94] Kelly, Early Christian Creeds, 163.
[95] See: Schaff, Creeds of Christendom, 2:17, 20.
[96] Kelly, Early Christian Creeds, 87.
[97] See Kelly, Early Christian Creeds, 889, 114, 173-176, 183, 187-89.

O Credo Romano Antigo (o substrato do Credo dos Apóstolos) em sua forma latina fala de carnis resurrectionem e em sua versão grega (original [98]) savrkoH ajnastavsin (sarkos anastasin), isto é, "a ressurreição da carne". Assim, como observado acima, o Credo dos Apóstolos e o Credo Niceno também incorporam a ressurreição física como a crença formal, corporativa, pública e universal da fé cristã. Escritos de maneira a enfatizar a natureza histórica e corpórea de eventos redentores cruciais, os credos públicos transitam perfeitamente da ressurreição física de Cristo para a ressurreição física dos crentes.

Nenhuma argumentação especial — por exemplo, discordamos da "natureza" e do "momento" da ressurreição — pode anular o fato incontestável: o cristianismo histórico, ortodoxo e corporativo sempre sustentou uma ressurreição futura e física. Todas as versões do Credo dos Apóstolos descrevem Cristo morrendo fisicamente, sendo sepultado fisicamente, ressuscitando fisicamente, ascendendo fisicamente e retornando fisicamente. Nem as "dificuldades" de remontar um corpo decomposto, queimado ou consumido impedem o Deus infinito, onipotente e onisciente de ressuscitar os mortos. Esses problemas foram tratados de forma eficaz por Justino Mártir (1 Apol.1), Tertuliano (Res. 32, 47) e Atenágoras (Res. 2-8) há muito tempo, bem como por estudiosos reformados desde a Reforma (por exemplo, Witsius, Edwards, Dabney, Hodge e Venema[99]).

---

[98] See Kelly, Early Christian Creeds, 103-04. That the Old Roman Creed was originally written in Greek is a "practically unanimous verdict." Kelly, Early Christian Creeds, 111.

[99] Herman Witsius, Sacred Dissertations on the Apostles' Creed (Rept.: Escondido, Calif., 1993; Glasgow: Khull, Blackie, 1823), 2:424-29; Jonathan Edwards, The Works of Jonathan Edwards, ed. by Edward Hickman (Edinburgh: Banner of Truth, 1976 [1834]), 2:194ff, Robert L. Dabney, Lectures in Systematic Theology (Grand Rapids: Zondervan, rep. 1973 [1878])835-37; A. A. Hodge, Outlines of Theology (Edinburgh: Banner of Truth, rep. 1878),, 561-63; Venema, The Promise of the Future, 387-91.

B
A Segunda Vinda nos Credos

O hiperpreterismo afirma uma Segunda Vinda passada e espiritual em contraposição a uma futura e física. Stevens afirma claramente:

> "Cristo retornou em 70 d.C." (WH 5).

Noe escreve de uma maneira que comprova que ele "não é um teólogo profissional" (BET, p. x) quando afirma:

> "Você sabe o que a Bíblia realmente diz sobre uma 'segunda vinda'? Nada! Você sabe o que os credos históricos da Igreja dizem sobre isso? Novamente, nada!" (BET, 204).

Ele então lamenta que a Igreja Cristã histórica tenha sido "manipulada pelas tradições dos homens" (BET, 205).

Os três principais credos também estabelecem a esperança de um Retorno futuro, visível e corpóreo de Cristo (e, eu poderia acrescentar de passagem, o futuro Juízo Final). Devemos lembrar o fluxo contextual dos credos: eles estabelecem a natureza histórica e material da criação, encarnação e ressurreição (de Cristo), em seguida, abordam o futuro retorno histórico e material de Cristo e a ressurreição dos mortos.

Na forma grega do Credo dos Apóstolos, lemos sobre a Segunda Vinda de Cristo — em um fluxo contextual específico e claro: "de lá [isto é, do céu, onde ascendeu em seu corpo ressuscitado] ele virá [isto é, no futuro, a partir da escrita do Credo dos Apóstolos] para julgar os vivos e os mortos" (Gr.: o{qen e{rcetai krivnein zw`ntaH

kaiv nekrouvH [othen erchetai krinein zôntas kai nekrous]).[100] O Credo Niceno afirma que "ele ascendeu ao céu... e de lá voltará, com glória (Gr.: kaiV pavlin ejrcovmenon metaV dovxhH: [kai palin erchomenen meta doxçs]), para julgar os vivos e os mortos".[101] O Credo Atanasiano §§ 37-41 Concorda:

> "Pois assim como a alma racional e a carne [Latim: caro] são um só homem, assim também Deus e o homem são um só Cristo; que sofreu por nossa salvação, desceu ao inferno, ressuscitou ao terceiro dia dentre os mortos; subiu ao céu, está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso; de onde há de vir [venturus] para julgar os vivos e os mortos. Em cuja vinda todos os homens ressuscitarão com seus corpos [corporibus]".[102]

Essas declarações de fé não apenas continuam a ênfase material e histórica dos artigos precedentes mas também retomam a crença quase universal da Igreja antiga. Por exemplo, Irineu alude ao Credo Romano Antigo (proto-Credo dos Apóstolos) quando afirma: "a ressurreição dentre os mortos, e a assunção corporal ao céu" (kaiV thVn e]gersin ejk nekrw`n, kaiV thVn e[nasarkon eijH touVH oujranouVH ajnaVlhyin [kai tçn ensarkon eis tous ouranous analçpsin]) serão seguidas por sua "aparição do Céu".[103] Epifânio (315-403) enfatiza a carne de Cristo em sua declaração de que "o mesmo sofreu na carne; e ressuscitou; e subiu ao Céu no mesmo corpo... e virá no mesmo corpo em glória, para julgar os vivos e os mortos" (Ancoratus 120).[104] O grego das declarações críticas lê-se: kaiV ajnelqovnta eijH touVH oujranouVH ejn aujtw/` tw/` swvmati... ejrcovmenon ejn aujtw/`tw/` swvmati ejn dovxh (kai anelthonta eis tous ouranous en autô tô sô mati . . . erchomenon en autô tô sô mati en doxe).

---

[100] Schaff, The Creeds of Christendom, 2:48.
[101] Schaff, The Creeds of Christendom, 2:57.
[102] Schaff, The Creeds of Christendom, 2:69.
[103] Schaff, The Creeds of Christendom, 2:13.
[104] See: Schaff, The Creeds of Christendom, 2:37..

V
Queixas Contra os Credos

É abundantemente claro que os hiperpreteristas consideram a fé cristã histórica e ortodoxa em erro em relação a várias características escatológicas fundamentais contidas em suas formulações credais e confessionais. Como Stevens expressa:

> "Se aceitássemos as pressuposições de Gentry sobre a natureza da 'segunda vinda', 'ressurreição corporal' e 'julgamento pessoal', poderíamos chegar às mesmas conclusões que ele. No entanto, e se suas pressuposições sobre o tempo e a natureza do cumprimento não forem ortodoxas com as Escrituras? E se puder ser demonstrado que a igreja histórica falhou em compreender o tempo correto e a natureza do cumprimento da escatologia bíblica?" (RGA).

O hiperpreterista Green concorda:

> "Deus não poderia ter permitido que tais erros existissem por centenas de anos? Onde Deus prometeu à Sua Igreja, implícita ou explicitamente, que Ele nunca permitiria que ela cometesse erros graves, não fatais e multigeneracionais?"
>
> De fato, "qual é a base para a crença do credalista de que erros graves não fatais não podem existir universalmente na Igreja por séculos?" (PEC).

Curiosamente, Stevens argumenta que "ao usar credos para definir 'ortodoxia', eles se tornam uma causa de divisão e exclusividade", e "Aqui está uma admissão aberta de que os credos foram usados para 'marcar a fronteira entre ortodoxia e heresia'. Isso nunca deveria ter acontecido. Tal abuso contribuiu fortemente para a enorme divisão

entre os cristãos" (CPO). Na verdade, os credos surgiram como uma resposta à divisão e ao erro; os credos não criaram as divisões. E, mais uma vez, vemos suas raízes campbellitas influenciando sua análise. Como observado anteriormente, Campbell argumentou que "todos os credos eram teorias de doutrina, disciplina e governo cristãos. . . . Por serem especulativos, sempre se provaram 'maçãs da discórdia' ou 'raízes de amargura' entre os cristãos".[105]

Consequentemente, nesta seção, examinarei algumas das principais objeções contra a ortodoxia credal que os hiperpreteristas apresentam contra o cristianismo histórico.

[105] Elgin S. Moyer, Who Was Who in Church History (Chicago: Moody, 1962), 72.

A
"Credos Não Definem Ortodoxia"

Notavelmente, os hiperpreteristas reclamam do uso de credos para definir a ortodoxia. Stevens lamenta:

> "Desde quando o rótulo 'heterodoxo' (doutrina diferente) foi redefinido em termos de conformidade com os credos?" (RGA).

Aparentemente desconhecendo a função da teologia histórica, ele nunca consegue se esquivar desse deslize teológico, chegando a afirmar que:

> "Gentry se colocou em estreita proximidade com a posição romanista... ao permitir que os credos sejam o padrão pelo qual julgamos a ortodoxia".

Ele continua:

> "Gentry está ultrapassando os limites ao usar os credos como base para sua decisão sobre se algo é ortodoxo".

De fato, a ortodoxia "nunca deve ser definida como conformidade a um credo" (RGA).

Respondendo a Mathison, Stevens comenta:

> "Aqui está uma admissão explícita de que os credos têm sido usados para "marcar a fronteira entre ortodoxia e heresia". "Isso nunca deveria ter acontecido" (CPO).

Ao apresentar os trabalhos doutrinários da Igreja histórica sob a pior luz possível, Stevens se preocupa com o fato de que "um grupo

de homens falíveis e não inspirados decide por voto majoritário no que eu acredito" (WICW). Ele chega a envenenar o poço ao observar, na primeira seção principal de uma de suas postagens na internet:

> "'Ortodoxia' era mais determinada por quantos bispos acreditavam de uma certa maneira (voto majoritário) e por quão poderosos eles eram (política de poder) do que pela exegese correta das Escrituras, pela razão e pela imparcialidade" (CPO).

Portanto, os credos "não são mais autoritativos do que nossas melhores opiniões hoje" (CPO).

Outro hiperpreterista, Daniel Harden, fica ainda mais confuso ao reclamar:

> "O uso de 'ortodoxia' por Gentry, no entanto, precisa ser esclarecido, pois é um termo extremamente subjetivo". Pois, se examinarmos as visões preteristas parciais do Dr. Gentry dentro da estrutura da crença "comum" de seu público, a América moderna, descobrimos que, na verdade, ele está fora da ortodoxia, porque as visões predominantes são o dispensacionalismo pré-milenista e o amilenismo" (WHH).

Talvez parte do erro de Stevens seja atribuível à sua confusão lexical. Por algum motivo, ele interpreta erroneamente a etimologia do termo "ortodoxia" quando escreve:

> "Ortodoxia (ortho: 'reto', doxy 'doutrina') implica doutrina que está 'em consonância com as escrituras' (não 'em consonância com os credos')" (WICW).

Na verdade, o termo deriva da combinação de ορθος (orthos), que significa "reto", e δοξα (doxa), que significa "opinião", de δοξειν

(doxein), "pensar". Assim, "ortodoxia" não significa "doutrina correta", mas "opinião correta" ou "pensamento reto".[106]

Uma característica frustrante da argumentação hiperpreterista é sua inconsistência. Por exemplo, Stevens reclama em um trecho:

> "Desde quando o rótulo 'heterodoxo' (doutrina diferente) foi redefinido em termos de conformidade com os credos?" (RGA).

Em outro trecho, ele declara (com precisão):

> "Originalmente, os credos foram formulados para determinar a ortodoxia" (CPO).

Ele chega a citar Schaff com aprovação quando Schaff afirma que os credos são, em parte, "padrões públicos e salvaguardas contra falsas doutrinas" (CPO). Qual Stevens devemos seguir a esse respeito?

Devemos observar que Stevens declara seu conflito com os credos como uma discordância com um "grupo de homens falíveis" versus aquilo em que "eu [Stevens] acredito" (WICW). Quando analisamos a questão de uma maneira madura e teológica, porém, o que ele acabou de afirmar confirma a necessidade dos credos. Pois em sua antítese nos resta a declaração cuidadosa, precisa, ordenada, debatida, formal, corporativa e pública de oficiais ordenados da Igreja Cristã histórica, universal e institucional v. Ed Stevens. Como A. A. Hodge argumenta perspicazmente, a verdadeira questão não é "entre a palavra de Deus e o credo do homem, mas entre a fé provada e comprovada do corpo coletivo do povo de Deus e o julgamento privado e a sabedoria sem auxílio do objetor individual".[107]

---

[106] John Ayto, Dictionary of Word Origins (New York: Arcade, 1990), 376. Cf. OED 1:2012.

[107] Hodge, Commentary on the Confession of Faith, 21.

Outro problema do hiperpreterismo é sua suposição falha de que os antigos teólogos da Igreja não tinham fundamentos exegéticos sistemáticos para suas visões escatológicas. Stevens declara ousadamente que "na verdade, não havia uma visão 'ortodoxa' sistematizada da escatologia no segundo século e imediatamente após" (WICW). Isso demonstra flagrantemente que eles fizeram pouco trabalho em patrística especificamente ou mesmo em teologia histórica como uma disciplina mais ampla. Na verdade, é duvidoso que tenham lido mais do que algumas passagens selecionadas de Eusébio (a quem citam frequentemente). A título de ilustração, a ISBE observa como um exemplo do engajamento escatológico dos pais:

> "Ao longo do ensino patrístico, a identidade do corpo ressuscitado com o corpo terreno é afirmada. De fato, a maior parte do ensino bíblico é reproduzida e desenvolvida em uma ampla síntese. Embora as interpretações milenaristas dos pais tenham diferido, eles ensinaram uniformemente uma ressurreição geral para a vida e a glória para os justos e para a morte e punição eternas para os ímpios. Sua fonte de doutrina era tanto o Novo Testamento quanto o Antigo Testamento".[108]

Harden reclama que meu "uso de 'ortodoxia', no entanto, precisa ser esclarecido, pois é um termo extremamente subjetivo" (WHH). Ironicamente, a reclamação de Harden é a subjetiva: em sua visão, cada um determina a ortodoxia por si mesmo, enquanto eu sigo a prática histórico-teológica comum ao empregar os credos cristãos públicos, objetivos e históricos para o propósito para o qual foram concebidos. De fato, E. H. Klotsche observa que esse pensamento é comum no ataque sectário e liberal ao credoísmo:

> "Não apenas as seitas heréticas ligadas ao protestantismo, mas também os teólogos liberais da igreja levantaram um clamor contra

[108] R. A. Muller, "Resurrection," in ISBE (1982), 4:150.

a autoridade dos símbolos [isto é, credos] como inconsistentes com 'o direito ao julgamento privado'".[109]

Woods nos lembra que "o século XIX, no entanto, viu o lançamento de um ataque crítico aos credos comparável ao dirigido simultaneamente contra as Escrituras". [110] Como observado anteriormente, os unitaristas são bem conhecidos por seu desprezo pelos credos:

> "O que os unitaristas contestam nestes ou em outros credos é a intenção implícita de vincular as gerações futuras às ideias, percepções e palavras literais do passado".[111]

Considere as seguintes observações acadêmicas a respeito da respeitada prática histórica de determinar a ortodoxia por referência aos credos:

- Zacharias Ursinus (1534-83): Falando do Credo dos Apóstolos: "Estes artigos constituem uma certa forma ou regra com a qual a fé de todos os cristãos ortodoxos [sic] deve concordar e se conformar".[112]

- Frances Turretin (1623-87): Os credos "contêm a essência e o fundamento da doutrina cristã e são como barreiras contra os erros e corrupções que podem prejudicar a religião".[113]

- Herman Witsius (1626-1708): "O credo [dos Apóstolos] é o distintivo do cristianismo".[114]

---

[109] Cited in Peter Lillback, in Hall, The Practice of Confessional Subscription, 35.
[110] A. S. Woods, "Creeds and Confessions," in ISBE (1982), 808.
[111] Harry B. Scholefield, ed., A Pocket Guide to Unitarianism (Boston: Beacon, 1954), 1.
[112] Zacharias Ursinus, Commentary of Dr. Zacharias Ursinus on the Heidelberg Catechism, trans. by G. W. Williard (2d. 2d.: Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed, rep. n.d. [1852]), 117.
[113] Turretin, Institutes of Elenctic Theology, 3:283.
[114] Witsius, Sacred Dissertations on the Apostles' Creed, xxxii.

- A. Hodge (1823-86): Os credos "têm o propósito de preservação e instrução popular, de discriminar e defender a verdade da perversão dos hereges." Eles servem "para discriminar a verdade das interpretações dos falsos mestres".[115]

- James Orr (1844-1913): "Era o credo que podia ser invocado como sendo o credo da igreja em todos os seus grandes ramos, e assim constituindo o teste da catolicidade". Foi "empregado para verificar a licença de interpretação das Escrituras desses especuladores hereges fantásticos".[116]

- R. B. Kuiper (1886-1966): "A questão sobre o que queremos dizer quando elogiamos a Igreja Cristã Reformada por sua ortodoxia requer uma resposta adicional. Queremos dizer que ela adere à interpretação da Bíblia à qual a igreja cristã histórica chegou sob a iluminação do Espírito Santo, o Espírito da verdade... Em diferentes épocas, a igreja iluminada formulou a verdade em documentos conhecidos como credos. Por exemplo, existem os antigos credos ecumênicos conhecidos como Credo dos Apóstolos, Credo Niceno e Credo Atanasiano.[117]

- Williston Walker (1860-1922): "O uso de credos como testes de ortodoxia pelos concílios, como o de Niceia em 325, deu maior destaque ao tipo declaratório".[118]

- William Kelly (1960): "Com o desenvolvimento do ensino herético, porém, houve uma tendência natural a usar os credos como um teste da ortodoxia católica. Esta é a explicação mais provável para o

---

[115] Hodge, Outlines in Theology, 113, 114.
[116] James Orr, "Apostles' Creed," in ISBE (1929), 1:204.
[117] R. B. Kuiper, To Be or Not to Be Reformed (Grand Rapids: Zondervan, 1959), 25, 26.
[118] Williston Walker, A History of the Christian Church (3d. ed.: New York: Charles Scribner's Sons, 1970), 59.

uso do termo latino symbolum para credo. É um sinal pelo qual a verdadeira fé cristã pode ser distinguida do infiel ou herege".[119]

- William Barclay (1967): "Embora o cristão tenha um amplo campo de atuação, existem necessariamente limites. Inquestionavelmente, os gnósticos se autodenominavam cristãos; inquestionavelmente, os Ranters, que enfatizavam a liberdade cristã, se consideravam mais cristãos do que a Igreja; mas igualmente inquestionavelmente, nem os gnósticos nem os Ranters eram cristãos. Um credo é necessário simplesmente para que um homem possa testar sua própria fé e pensamento pela fé e pensamento da Igreja universal." "Quase se poderia dizer, paradoxalmente, que o credo pode definir a heresia, mas não a fé".[120]

- J. N. D. Kelly (1972): Em seu importante estudo, a primeira seção do capítulo 7 é intitulada: "1. Credos como Testes de Ortodoxia".[121]

- H. Leitch (1976): Um credo "deve dar testemunho daquelas crenças universais que unem toda a Igreja, não apenas no dia em que foi escrito, mas ao longo da história da Igreja. . . . Em um sentido negativo, eles excluem todas as doutrinas que são consideradas falsas ou heréticas".[122]

- William S. LaSor (1982): "A heresia surge quando um partido se desenvolve em torno de um líder específico . . . cuja opinião divergente se opõe a algum ensinamento comum da Igreja".[123]

- S. Wood (1982): "Um credo foi concebido como uma declaração concisa da fé cristã e um critério pelo qual o erro poderia ser exposto." Os credos "preocupavam-se em grande parte com a

---

[119] William Kelly, "Creed, Creeds," in WDT, 147.
[120] William Barclay, The Apostles' Creed (rev. ed.: Louisville, Kent.: Westminister John Knox, 1998 [1967]), 6, 7.
[121] Kelly, Early Christian Creeds, 205.
[122] A. H. Leitch, "Creed, creeds," in ZPEB, 1:1025.
[123] William Sanford LaSor, "Heresy," in ISBE (1982), 2:685.

salvaguarda da fé contra o erro" e "têm sido empregados como um critério pelo qual a ortodoxia pode ser distinguida da heresia".[124]

- Harold O. J. Brown (1984): "Supõe-se que a ortodoxia seja a fé tradicional e atemporal de toda a igreja, enquanto a heresia é o erro de uma facção".[125]

- Geoffrey Bromiley (1984): Os credos "funcionam como uma chave para a compreensão adequada das Escrituras (Tertuliano) e como testes de ortodoxia para o clero".[126]

- Jack B. Rogers (1997): "Os credos pretendem descrever a fé de toda a Igreja Cristã indivisa... Eles esclarecem a identidade da comunidade, demarcando a ortodoxia e rejeitando a heresia." Assim, "quando diferentes interpretações das Escrituras ameaçavam a unidade da igreja, tornou-se necessário identificar a ortodoxia (opinião correta) e diferenciá-la da heresia (escolher outro caminho)".[127]

- David F. Wright (1997): "Heresia. A rejeição ou distorção de um elemento fundamental da doutrina cristã, particularmente conforme definido nos credos e na confissão da igreja".[128]

- Robert Rayburn (1997): "Os credos servem a diversos propósitos na vida da igreja. Eles são um testemunho da crença da igreja para o mundo;... eles formam um baluarte contra a intrusão do erro, fornecendo um padrão de ortodoxia e um teste para os líderes".[129]

---

[124] A. S. Wood, "Creeds and Confessions," in ISBE (1982), 1:807, 812.
[125] Brown, Heresies, 9.
[126] Bromiley, "Creed, creeds," in EDT, 284.
[127] Jack B. Rogers, in ERF, 91.
[128] David F. Wright, "Heresy," in McKim, ERF, 172.
[129] Robert Rayburn, in David W. Hall, ed., The Arrogance of the Modern: Historical Theology Held in Contempt (Oak Ridge, Tenn.: Calvin Institute, 1997), 21.

- Alistair E. McGrath (1997): Sob o título "O Propósito dos Credos", McGrath declara "três propósitos principais", um dos quais é "como um teste de ortodoxia para líderes cristãos".[130]

- De fato, a respeito do Credo dos Apóstolos, lemos os seguintes comentários de estudiosos bíblicos e teológicos: "O credo [dos Apóstolos] tem sido invocado por todos os ramos da igreja como um teste de fé autêntica".[131] Ele "permite nos para reconhecer e evitar versões inadequadas ou incompletas do cristianismo".[132] Ele "lista uma série de doutrinas centrais, que podem ser consideradas fundamentais para a fé cristã... [e] tem servido . . . como um teste de ortodoxia para líderes cristãos".[133] Em sua discussão sobre o desenvolvimento do Credo dos Apóstolos, Witsius observa que "a fim de distinguir a doutrina da igreja da heresia, e os verdadeiros filhos da igreja dos hereges e seus seguidores, vários artigos foram gradualmente adicionados". Ele afirma ainda que "agora é tão amplamente aceito na cristandade, que o homem que o rejeita deliberadamente, não deveria ser considerado cristão".[134]

- O mesmo se aplica ao Credo Niceno: como é bem sabido, Walker observa que "o Credo Niceno de 325 foi elaborado para combater o desafio ariano".[135] McGrath comenta que ele "foi, antes de tudo, uma definição de fé ortodoxa para bispos".[136] Murray declara que foi um "baluarte contra a heresia".[137]

- O Concílio de Niceia, segundo Schaff, foi "o evento mais importante do século IV" porque representou uma "vitória intelectual sobre um erro perigoso".[138] E do Credo Atanasiano[139].

---

[130] McGrath, "I Believe," 14.
[131] NIBD, 263.
[132] McGrath, Studies in Doctrine, 314.
[133] McGrath, Studies in Doctrine, 313-14.
[134] Witsius, Sacred Dissertations on the Apostles Creed, 1:12, 14.
[135] James B. Walker, "Niceno-Constantinopolitan Creed," in DHT, 397.
[136] Kelly, Early Christian Creeds, 255.
[137] Murray, Collected Writings of John Murray, 281.
[138] Schaff, HCC, 3:631.

E assim por diante, poderíamos continuar multiplicando autoridades. A queixa hiperpreterista contra o uso de credos para determinar a ortodoxia é vergonhosamente ingênua, frustrantemente contraditória e surpreendentemente infundada.

[139] ISBE1 4:3021-22; Elgin S. Moyer, Who Was Who in Church History (Chicago: Moody, 1962), 17, 21 22.

B
"Não Temos Outro Credo Senão as Escrituras"

Uma queixa frequente de todos os grupos dissidentes e seitas anti-creedalistas é o grito: "Nenhum credo além das Escrituras!" Os hiperpreteristas declaram com orgulho: "A ortodoxia é determinada pela sola scriptura, não por credos" (WICW). Embora todos os cristãos evangélicos e credalistas reconheçam a autoridade suprema e única das Escrituras como a própria palavra de Deus, essa máxima popular propõe um objetivo impossível (como veremos). Na verdade, ela é permeada por uma tensão dialética, pois a declaração "nenhum credo além das Escrituras" é um credo em si mesma.

Stevens argumenta contra o meu uso de credos quando confronto a nova doutrina hiperpreterista. Ele reclama: Gentry "não confia que seu companheiro cristão chegue à verdade" (WICW). É claro que devemos lembrar que foi o próprio Stevens quem alertou que "a maior parte do cristianismo tradicional interpretou mal as profecias bíblicas durante seus primeiros dois mil anos" (WH, 5). Por que eu deveria confiar em Ed Stevens se ele não consegue confiar em milhões de cristãos e milhares de teólogos ao longo de centenas de anos? Berkhof observou acertadamente que insistir em "nenhum credo além da Bíblia" é uma "negação virtual da orientação do Espírito Santo na história passada da Igreja".[140]

Stevens também acusa Gentry de "presumir que os credos foram exaustivamente 'testados e comprovados'... ...Não são necessários mais testes pelo tempo?" (WICW). Na verdade, não "presumimos"

[140] Louis Berkhof, Systematic Theology (new ed.: Grand Rapids: Eerdmans, 1996), 32.

que os credos foram "testados e comprovados", apontamos para a teologia histórica e descobertas exegéticas para mostrar que foram.

Em uma declaração que me deixa completamente perplexo, Stevens argumenta sobre minha convicção de que os credos não contêm erros escatológicos:

> "Parece que Gentry nem sequer quer considerar essa possibilidade. Ele está satisfeito com interpretações doutrinárias" (RGA).

O que me intriga é que ele faz essa afirmação em sua resposta ao meu breve artigo, no qual apresento doze argumentos teológicos contra o Hiper-Preterismo, sendo que apenas um deles diz respeito à minha preocupação doutrinária. Além disso, tenho vários livros e inúmeros artigos publicados que apresentam argumentos a favor da visão histórica e ortodoxa cristã da escatologia.

Stevens apresenta uma falsa antítese quando escreve: "o que você preferiria jogar pela janela, os escritos do Novo Testamento ou os credos?" (citado em BET, 216). Em outro lugar, ele reafirma esse falso dilema:

> "Devemos decidir qual é o curso de ação correto: sacrificar a inspiração de Jesus e dos escritores do NT para manter a integridade dos credos não inspirados e dos pais da Igreja, ou preservar a inspiração de Jesus e do NT e questionar as interpretações e aplicações falíveis da igreja histórica" (WH, 5-6).

Esses apelos são superficialmente convincentes para aqueles sem formação em lógica e teologia. Mas a antítese mais precisa seria, na verdade: O que você preferiria jogar pela janela, a nova posição teológica de Ed Stevens ou as convicções da Igreja cristã universal de todas as épocas? Como observado anteriormente, Hodge nos lembra que "a verdadeira questão entre a igreja e os impugnadores dos

credos não é, como estes frequentemente pretendem, entre a palavra de Deus e o credo do homem, mas entre a fé provada e testada do corpo coletivo do povo de Deus e o julgamento privado e a sabedoria sem auxílio do objetor individual".[141]

De fato, na literatura das Testemunhas de Jeová, lemos uma queixa semelhante à de Stevens:

> "Para chegar à verdade, nós devemos descartar os preconceitos religiosos do coração à mente. Devemos deixar Deus falar por si mesmo... Deixar Deus ser verdadeiro significa deixar Deus ter a palavra sobre qual é a verdade que liberta os homens. Significa aceitar a sua palavra, a Bíblia, como a verdade. Nosso apelo é à Bíblia em busca da verdade." Este mesmo livro rejeita os credos como "tradições criadas pelo homem", "preceitos de homens" e "opiniões".[142]

A este respeito, o historiador evangélico Nathan Hatch escreve:

> "Os primeiros americanos a enfatizar o direito ao julgamento privado no trato das Escrituras foram, curiosamente, ministros que se opuseram aos princípios evangélicos do Primeiro Grande Despertar. [...] Os liberais teológicos tornaram-se cada vez mais inquietos com as definições creedais rígidas do cristianismo. [...] Até o século XIX, cristãos racionais, muitos dos quais engrossaram as fileiras de denominações como os unitaristas e os universalistas, argumentaram contra a ortodoxia evangélica apelando para a Bíblia".

Charles Beecher defendeu sua rejeição à ortodoxia de seu pai, Lyman, renunciando ao "poder do credo" e erguendo a bandeira da "Bíblia, toda a Bíblia e nada além da Bíblia".[143]

---

[141] Hodge, A Commentary of the Confession of Faith, 21.
[142] Let God Be True, 9, 11.
[143] Hatch, "Sola Scriptura and Novus Ordo Seclorum," 164.

Na luta entre liberais e conservadores nos círculos batistas do norte, no início do século XX, um líder fundamentalista, William Bell Riley, propôs em 1922 que uma confissão fosse "adotada como um credo". Mas isso "foi derrotado por uma margem de dois para um em favor de uma proposta que tornava o Novo Testamento o único fundamento de fé e prática. Em 1926, os fundamentalistas batistas militantes sabiam que a batalha estava perdida".[144]

Berkhof observa que a negação dos credos "representa um individualismo injustificado no desenvolvimento e na formulação da verdade, uma noção exagerada de um único indivíduo, ou da igreja de uma única geração, para erguer de novo uma estrutura melhor de verdade religiosa do que o sistema consagrado pelo tempo do passado".[145]

Stevens, em CPO, chega a argumentar que "se tivermos que ter um credo autoritativo, que seja Cristo" (seja lá o que isso signifique). Nisso, ele concorda com a "Confissão de Fé de 1967" liberal da Igreja Presbiteriana Unida.

O Artigo 9.03 diz:

> "A obediência somente a Jesus Cristo identifica a única igreja universal e fornece a continuidade de sua tradição. Essa obediência é o fundamento do dever e da liberdade da igreja de se reformar na vida e na doutrina, conforme novas ocasiões, na providência de Deus, exigem".

---

[144] Martin E. Marty and R. Scott Appleby, eds., Fundamentalisms Observed (Chicago: University of Chicago Press, 1991), 24.
[145] Berkhof, Systematic Theology, 32.

C
"Credos Não São Infalíveis"

Sempre que cristãos ortodoxos desafiam os hiperpreteristas em relação à sua ortodoxia, o reflexo hiperpreterista é fazer afirmações exageradas sobre nossas convicções doutrinárias. Por exemplo, Stevens escreve:

> "Gentry parece atribuir virtual infalibilidade (inspiração) aos credos. Isso deveria fazer qualquer verdadeiro reformador estremecer" (RGA).

Essa palavra moderadora "parece" é omitida e a acusação se torna mais exagerada em seu livreto, *O Que Aconteceu em 70 d.C.?*:

> "Os credalistas acreditam que os credos são intocáveis. Eles presumem que os credos são infalivelmente corretos e, portanto, absolutamente autoritativos. Eles estão assim imputando inspiração aos credos" (WH, 6).

Após declarar que 2000 anos de "cristianismo tradicional" estavam errados, ele lamenta: "Aqueles que acreditam que os credos são infalíveis, inspirados e autoritativos se ofenderão especialmente com isso" (WH, 5). Assim, "parece-me estranho que qualquer reformador coloque um documento humano em pé de igualdade com as Escrituras" (CPO).

É claro que nenhum cristão evangélico, baseado em credos, "atribuirá infalibilidade virtual (inspiração)" aos próprios credos. Nem eles "colocam um documento humano em pé de igualdade com as Escrituras". E é por isso que os hiperpreteristas nunca citam nenhum de seus oponentes declarando tal coisa: não há citações

disponíveis nesse sentido. A afirmação simplesmente não é verdadeira. Em vez disso, os cristãos ortodoxos acreditam que as doutrinas contidas nos credos são as doutrinas das Escrituras e, portanto, as doutrinas são consideradas infalivelmente certas porque derivam de Deus.

Na verdade, entender o significado original da palavra "credo" pode ser útil para dissipar essa preocupação anti-credo. A palavra inglesa creed deriva do latim credo, que significa simplesmente: "Eu creio". Um credo, então, é uma declaração de fé. Como tal, um credo não diminui a autoridade da Palavra de Deus mais do que declarações como "Eu creio em Deus" ou "Eu creio na ressurreição de Cristo". Na verdade, tais declarações são credos — ainda que breves e informais. Qualquer pessoa que pensa em Deus de uma maneira particular "criou" uma visão de Deus, independentemente de reduzir esse "credo" por escrito ou não. Certamente, isso de forma alguma diminui a primazia ou a centralidade da Bíblia.

Ironicamente, concordamos com um ponto do que serve como credo pessoal de Stevens: ele crê na "inspiração de Jesus e dos escritores do Novo Testamento" e que "nossa fé não pode se sustentar se os apóstolos e profetas inspirados do Novo Testamento cometeram um erro" (WH 5, 6). Novamente, devemos lembrar que todo esse debate gira em torno da diferença entre a mentalidade formal e unificada da Igreja ao longo dos séculos e um pequeno grupo de inovadores teológicos sem formação na atualidade.

D
"O Princípio da Reforma Contradiz o Credalismo"

Stevens informa seus leitores que deixou a seita Igreja de Cristo e "abraçou a teologia reformada da aliança" (WH, vi). Ao resistir aos credos, ele explora as simpatias reformadas:

> "Em resposta à pergunta deles sobre 'o que devemos usar' se não usarmos os credos, suspeito que a melhor resposta protestante e reformada para isso seja sola Scriptura e tota Scriptura! Usar credos para determinar a ortodoxia tem sido um grande problema desde sempre" (CPO).

Ele lamenta a (suposta) rendição da abordagem reformada, observando que "muitos de nossos antepassados deram seu sangue para promover a reivindicação reformada de Sola Scriptura e Tota Scriptura (somente a Escritura e toda a Escritura). Eles protestaram contra a insistência do papa e da Igreja Católica em possuir autoridade igual à das Escrituras. Se dermos aos credos um status de autoridade semelhante, nos rendemos incondicionalmente às reivindicações do papa e contradizemos muito do que a Reforma representou" (CPO). Green concorda: "como é que os defensores dos credos acreditam que não estão agindo de maneira incompatível com o princípio reformado de sola scriptura?" (PEC).

Mas uma determinação credal de ortodoxia é antirreformada? De forma alguma! Na verdade, é uma expressão de um elevado princípio reformado. O teólogo reformado John Murray observa um fenômeno comumente reconhecido:

> "O período mais prolífico de composição de credos foi a Reforma".[146]

O historiador cristão Mark Noll fala da "grande efusão de confissões no primeiro século e meio do protestantismo".[147] De fato, Rogers observa que "de todas as tradições protestantes, a Reformada tem sido a mais prolífica na produção de documentos confessionais".[148] Richard Müller concorda:

> "A Reforma do século XVI foi, sem dúvida, a grande era da teologia confessional protestante. A escrita das grandes confissões das igrejas protestantes foi uma manifestação primordial do impulso reformista".[149]

Ao contrário dos esforços hiperpreteristas para afastar os discípulos reformados com tal argumento, John Jefferson Davis observa:

> "É importante perceber que o princípio da sola scriptura não implicava para os reformadores uma rejeição de toda a tradição da igreja. Eles afirmavam o valor e a validade dos credos ecumênicos da igreja primitiva e, de fato, acreditavam que o peso da autoridade patrística apoiava a causa reformada".[150]

O historiador David Wells concorda:

> "Os protestantes [da Reforma] ancoraram seu argumento no período patrístico, os ensinamentos com os quais eles se identificavam amplamente, argumentando que a Reforma foi

---

[146] Murray, The Collected Writings of John Murray, 1:281.
[147] Mark A. Noll, "Confessions of Faith," in EDT, 263.
[148] Rogers, "Creeds," ERF, 92.
[149] Richard A. Müller, "Reformed Confessions and Catechisms," in DHT, 466.
[150] John Jefferson Davis, Foundations of Evangelical Theology (Grand Rapids: Baker, 1984), 226.

> realmente uma disputa entre o cristianismo patrístico e o medieval".[151]

O estudioso de credos Kelly nos lembra a respeito do Credo dos Apóstolos que "sua autoridade era geralmente reconhecida na Reforma, Martinho Lutero destacando-o como um dos três fundamentos vinculativos da crença, e tanto Calvino quanto Zwingli o incluindo entre suas normas doutrinárias". Em outro lugar, ele escreve:

> "De todos os credos existentes, [o Credo Niceno-Constantinopolitano] é o único para o qual o ecumenismo, ou aceitação universal, pode ser plausivelmente reivindicado... Longe de substituí-lo, a Reforma reafirmou seu caráter vinculante".[152]

Samuel Miller, a grande autoridade confessional reformada, escreveu: "Antes que a Igreja, como tal, possa detectar hereges e expulsá-los de seu seio — antes que ela possa levantar a voz, em um 'dia de repreensão e blasfêmia', contra os erros prevalecentes — seus governantes e membros devem concordar sobre o que é a verdade. E, a menos que se entreguem, em seus julgamentos oficiais, a todo o capricho e efervescência febril de sentimentos ocasionais, eles devem ter algum documento permanente e credenciado, exibindo o que concordaram em considerar como verdade." Ele continua: "Eles devem ter 'uma forma de palavras sãs', que adotaram voluntariamente e se comprometeram uns aos outros a 'manter firme'; ou não podem ter a segurança de que duas ou mais decisões sucessivas sobre a solidez da fé serão semelhantes". De fato, sobre aqueles que não se declaram credalicamente, ele diz:

> "Se eles não fizerem isso; se, sob o pretexto de aderir àquela grande máxima protestante, de que a Bíblia é a única regra infalível de fé e conduta..., eles falam e agem como se todos os que

---

[151] Wells, No Place for Truth, 105.
[152] Kelly, Early Christian Creeds, 368, 296.

professam receber a Bíblia estivessem em terreno igualmente sólido".[153]

O magistral reformador João Calvino observou que a precisão teológica (como nos credos) era necessária para "arrancar a máscara" do herege.[154] Para ele, o Credo dos Apóstolos "resume em poucas palavras os pontos principais da nossa redenção e, assim, pode servir-nos como uma tábua na qual vemos distintamente e ponto por ponto as coisas em Cristo às quais devemos atentar... Desde tempos imemoriais, certamente era considerado de autoridade sagrada entre todos os piedosos" (Inst. 2:16:18).

> "Não tenho dúvida de que, desde o próprio início da Igreja, e, portanto, nos próprios dias dos Apóstolos, ocupou o lugar de uma confissão pública e universalmente aceita, qualquer que seja a origem de sua produção.
>
> Não é provável que tenha sido escrita por algum indivíduo particular, visto que é certo que, desde tempos imemoriais, foi considerada de autoridade sagrada por todos os cristãos. O único ponto de consequência que consideramos incontestável, a saber, que ela apresenta, em ordem clara e sucinta, uma declaração completa de nossa fé, e em tudo o que contém é sancionado pelo testemunho seguro das Escrituras" (Inst. 2:16:18).

O reformador genebrino, Francis Turretin, comentou que "o Credo [dos Apóstolos], a Oração do Senhor e o Decálogo" contêm a "essência da religião cristã". Ele observou que os Credos "contêm a essência e o fundamento da doutrina cristã e são como barreiras contra os erros e corrupções que podem prejudicar a religião".[155]

---

[153] Miller, Doctrinal Integrity, 12, 13, 19.
[154] John Calvin, Institutes of the Christian Religion, trans. by Henry Beveridge, 1:13:5.
[155] Turretin, Institutes of Elenctic Theology, 3:135, 283.

O Catecismo de Heidelberg pergunta na questão 22: "O que é então necessário para um cristão crer?" Ele responde a esta pergunta: "Todas as coisas que nos são prometidas no Evangelho, que os artigos de nossa fé católica inquestionável nos ensinam brevemente." A próxima pergunta é: "Quais são esses artigos?" A resposta dada é uma citação completa do Credo dos Apóstolos. O Breve Catecismo de Westminster tem o Credo dos Apóstolos anexado em uma nota de rodapé ao seu final. Os teólogos explicam por que fazem isso: "porque é um breve resumo da fé cristã, de acordo com a Palavra de Deus e recebido desde a antiguidade nas igrejas de Cristo".

O teólogo reformado Zacarias Ursinus observa um dos vários propósitos do Credo dos Apóstolos:

> "Para que os fiéis tivessem um certo distintivo ou marca pela qual pudessem então e em todas as eras futuras ser distinguidos dos incrédulos e hereges" e "para que existisse alguma regra perpétua, curta, simples e facilmente compreendida por todos, segundo a qual toda doutrina e interpretação das Escrituras pudessem ser testadas, para que pudessem ser aceitas e cridas quando concordassem com ela, e rejeitadas quando discordassem dela".[156]

Em um contexto de debate reformado, o teólogo do Seminário Teológico de Westminster, R. B. Kuiper, escreveu:

> "A questão sobre o que queremos dizer quando elogiamos a Igreja Cristã Reformada por sua ortodoxia requer uma resposta adicional. Queremos dizer que ela adere à interpretação da Bíblia à qual a igreja cristã histórica chegou sob a iluminação do Espírito Santo da verdade".[157]

---

[156] Ursinus, Commentary of Dr. Zacharias Ursinus on the Heidelberg Catechism, 118.
[157] Kuiper, To Be or Not to Be Reformed, 25.

Murray observa que "é um fato histórico que a igreja, na manutenção e defesa da fé, considerou necessário formular sua fé em declarações de credo a fim de protegê-la contra as incursões do erro. Pode-se negar que o Credo Niceno provou ser o baluarte contra uma heresia que teria removido a pedra angular da confissão cristã?"[158]

[158] Murray, Collected Writings of John Murray, 1:281.

E
"A Escatologia é Pouco Desenvolvida nos Credos"

Outro meio importante para desconsiderar a relevância dos credos no debate é a afirmação hiperpreterista de que os credos eram escatologicamente pouco desenvolvidos. Stevens lamenta: "Por muito tempo, nós fomos impedidos por visões escatológicas que não foram desenvolvidas além dos conceitos do século II" (Prefácio, BET, x). O problema, como ele vê, é que "o tema da escatologia nunca foi debatido por nenhum dos concílios ecumênicos" (Stevens, RGA). Stevens declara ousadamente que "na verdade, não havia uma visão 'ortodoxa' sistematizada da escatologia no século II e imediatamente posterior" (WICW). Sobre os concílios que formularam os credos, ele pergunta:

> "O quanto eles estudaram escatologia antes de formularem essas declarações nos credos? Existe alguma chance de suas opiniões estarem equivocadas e precisarem ser reformadas ou reescritas? Não acreditamos que as declarações credenciais futuristas tenham vindo de um estudo suficientemente cuidadoso e cuidadoso. É hora de reformá-las" (CPO).

De acordo com Stevens, "a visão preterista não é anticredal. Poderia ser não-credal (não tratada definitivamente nos credos), mas não é anticredal (contrária à essência dos credos). Certamente concordamos que os concílios não fizeram de nenhuma fórmula milenar um teste decisivo. Já que não o fizeram, talvez seja prudente pensar duas vezes antes de fazê-lo hoje; porque isso pode estar apenas descartando a possibilidade de nossas próprias visões" (CPO).

O último ponto citado pode ser rapidamente descartado como irrelevante: os sistemas milenaristas não são a questão; Nenhum dos principais credos ecumênicos estabelece um sistema milenar em detrimento de outro. Cada um dos principais sistemas milenaristas evangélicos é "ortodoxo" em termos de compatibilidade doutrinária, pois cada um afirma o núcleo escatológico doutrinário: o retorno de Cristo, ainda futuro, o juízo final e a ressurreição corporal.

Um exemplo da incapacidade dos hiperpreteristas de acompanhar argumentos teológicos e tirar conclusões lógicas é claramente exibido em Stevens, onde ele faz uma aplicação bastante equivocada de uma declaração de DeMar e Leithart:

Gary DeMar e Peter Leithart, em *A Redução do Cristianismo* (pp. 15, 16), sob o subtítulo "Credos e Escatologia", sugerem que os credos não necessariamente descartam a possibilidade de uma abordagem preterista básica:

> "É importante reconhecer que os credos históricos da igreja não incluem nada sobre o milênio, o arrebatamento, o Anticristo ou a grande tribulação. Os credos mencionam "escatologia individual", como a ressurreição do corpo e a vida eterna. Eles também dizem que Cristo retornará para julgamento. No entanto, no que diz respeito aos credos, o momento da segunda vinda de Cristo é uma questão de liberdade doutrinária: *Os credos não obrigaram nenhum crente a uma posição milenar específica*". [ênfase adicionada]
>
> "O momento da segunda vinda de Cristo é uma questão de liberdade doutrinária?" (CPO)

Ninguém pode legitimamente extrair a declaração de DeMar e Leithart de seu contexto e aplicá-la ao debate sobre o Hiperpreterismo. DeMar e Leithart estavam confrontando os pré-

milenistas a respeito de sua disputa com os pós-milenistas sobre se Cristo retornaria antes ou depois do milênio.[159]

A "liberdade doutrinária" da qual eles falam é uma liberdade dentro da ortodoxia credal, não apesar dela.

Em uma disputa com um preterista ortodoxo (que sustenta que a grande tribulação ocorreu no primeiro século, mas que a Segunda Vinda ainda está por vir), Stevens pergunta:

> "Sua própria visão 'preterista parcial' é de alguma forma mais bem fundamentada na patrística do que a visão 'preterista completa'?" (WICW).

Aqui, Stevens está fazendo uma pergunta para fins retóricos — apesar de ele próprio conhecer a resposta: Ele está bastante familiarizado com o "preterismo parcial" de vários pais da Igreja primitiva. No livro de Noe, para o qual Stevens escreve o prefácio, encontramos referências ao preterismo de Eusébio (260-340) e Atanásio (295-373) (BET, 214). Mas o pior é que, duas páginas depois de Stevens fazer sua declaração, ele escreve: "Houve vários escritores antigos que fizeram declarações preteristas significativas" (WICW), enquanto admite que "deve-se notar que os santos que fizeram essas declarações não eram preteristas completos" (WICW). Novamente, o problema da auto contradição aflige Stevens.

De fato, os primeiros pais da Igreja se envolvem em muitas discussões e exposições de questões escatológicas.

Mais uma vez, a futura ressurreição corporal é um tema predileto. Irineu afirma vigorosamente a ressurreição corpórea em oposição ao gnosticismo e ao marcionismo (por exemplo, Ag. Her. 1:17; 5:3; 5:6-

---

[159] Gary DeMar and Peter Leithart, The Reduction of Christianity: Dave Hunt's Theology of Cultural Surrender (Atlanta: American Vision, 1988), 15-16.

7; 5:31-32). Tertuliano escreve um tratado inteiro sobre a ressurreição: De Resurrectione carnis (A Ressurreição da Carne), assim como Atenágoras (século II), que escreveu De resurrectione (Sobre a Ressurreição). Como Brown observa, os artigos do Credo dos Apóstolos sobre os fundamentos escatológicos são bem elaborados e concebidos para se oporem ao "primeiro grande herege", Marcião, pois "assim como as doutrinas da encarnação e da ressurreição, a doutrina da segunda vinda coloca o espiritual e o divino em contato direto e íntimo com o humano e o carnal. Marcião não acreditava em uma encarnação real e, consequentemente, não havia lugar lógico em seu sistema para uma Segunda Vinda real".[160]

De fato, "é importante notar a diferença entre a concepção cristã primitiva da vida eterna e a ampla suposição helenística da imortalidade da alma. [...] Os grandes credos falam da ressurreição 'do corpo' (Credo dos Apóstolos) ou 'dos mortos' (Credo Niceno), não da imortalidade da alma".[161]

[160] Brown, Heresies, 65. See also: Kenneth Scott Latourette, A History of Christianity, (New York: Harper and Row, 1975), 1:135-36.
[161] Brown, Heresies, 31.

F
"Credalistas se Contradizem"
(Kenneth Gentry Rompe os Credos)

Em uma objeção lamentavelmente mal concebida contra os preteristas ortodoxos, os hiperpreteristas cometem gafes argumentativas dolorosamente embaraçosas. Basicamente, seus argumentos seguem duas linhas de objeções, ambas falaciosas. Apresentarei essas objeções primeiro e, em seguida, as criticarei.

Primeiro, os hiperpreteristas gostam de reclamar que os próprios preteristas ortodoxos violam os credos.

Por exemplo, Stevens responde à minha afirmação de que "nenhum credo permite qualquer outro tipo de ressurreição que não seja uma corporal", observando que "poderia-se argumentar que os credos não permitem nenhum tipo de vinda de Jesus em 70 d.C. Isso representa um problema para Gentry, já que ele acredita que houve algum tipo de vinda de Cristo em 70 d.C. Os credos lhe permitem essa liberdade?" (RGA). Em outro trecho, ele repete essa acusação:

> "Os credalistas... acreditam que houve algum tipo de retorno 'menor' de Cristo em 70 d.C., com outro retorno final no futuro. A ideia de múltiplas vindas é tão contrária aos credos quanto a visão preterista completa. Os credos não mencionam nenhum tipo de parusia em 70 d.C. ('menor' ou não). Portanto, se é contrário aos credos situar o retorno final de Cristo em 70 d.C., é igualmente contrário a eles situar qualquer tipo de vinda nessa data" (WH, 10).

Noe concorda:

> "Surpreendentemente, nenhum credo ensina ou sequer reconhece que qualquer tipo de julgamento ou vinda tenha ocorrido em 70 d.C." (BET, 214).

Gautier comete o mesmo erro:

> "Os credos refletem a única Vinda de Cristo futura para os escritores do Novo Testamento. O preterista parcial ensina duas. Na realidade, o preterista parcial acredita em uma Terceira Vinda de Cristo" (PA).

Assim como Harden:

> "Nenhum credo ensina uma Parusia múltipla" (WHH).

Em segundo lugar, uma acusação corolária é dirigida especificamente contra preteristas de convicções presbiterianas confessionais. Stevens destaca que WCF 25:6 chama o Papa de "Anticristo" e "o homem do pecado", e então comenta que "a denominação de Gentry supostamente se apega [à Confissão] rigidamente... Gentry obviamente não está em 'assinatura estrita' à WCF, já que seu comentário sobre Apocalipse ensina que a Besta era Nero. Por que Gentry não se manteve fiel a ela? Quem lhe deu a liberdade de reformá-la? Esta é uma 'interpretação e aplicação' escatológica das Escrituras. Ele é o único que tem o direito de interpretar e aplicar as Escrituras de uma maneira diferente das gerações passadas?" (RGA). Gautier me acusa, a esse respeito, de "não conformidade seletiva" com a Confissão de Fé, alegando que eu "escolho" o que quero acreditar (DAIS). Consequentemente, como Stevens reclama:

> "Se [Gentry] tem o direito de corrigir erros nos conceitos escatológicos das gerações anteriores, por que nós não temos?" (RGA).

O primeiro argumento baseia-se numa premissa errônea. Basicamente, argumenta que, como os credos não mencionam o julgamento de Cristo sobre Jerusalém em 70 d.C., os credalistas não podem acreditar nisso. A premissa oculta neste argumento é: Nenhum cristão ortodoxo pode acreditar em algo que não esteja nos credos. Mas isso ignora completamente o propósito de um credo como um resumo de alguns princípios cristãos fundamentais, e não uma exposição exaustiva de todo o conjunto de axiomas cristãos. É tão falacioso quanto argumentar: Já que os credos não mencionam a Bíblia, não podemos usá-la. Ou, já que os credos não mencionam o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes, não podemos acreditar que esse evento histórico redentor ocorreu. O fato de os credos não mencionarem o julgamento sobre Israel em 70 d.C. não nos impede de afirmá-lo. Este é um argumento falacioso do silêncio.

Além disso, devemos observar a situação real: os hiperpreteristas negam especificamente o que os credos claramente afirmam: uma futura Segunda Vinda, ressurreição corporal e juízo final. Enquanto os preteristas ortodoxos afirmam essas mesmas verdades e, portanto, não estão em conflito com os credos. Para esclarecer, os preteristas ortodoxos não acreditam que Jesus veio literalmente em 70 d.C. As referências ao seu juízo sobre os judeus são declarações metafóricas, imagens apocalípticas da ira divina derramada na história, não mais literais do que a vinda de Deus contra o Egito em Isaías 19:1.

Quanto ao segundo conjunto de objeções, estas são ainda mais confusas teológica, histórica e eclesiasticamente. Em primeiro lugar, devemos distinguir entre credos e confissões. Os credos determinam a ortodoxia cristã universal, defendendo assim o cristianismo contra a heresia; as confissões definem distinções eclesiásticas específicas, demarcando assim as distinções teológicas denominacionais. Observe as seguintes autoridades:

- H. Leitch: "Um credo... diz respeito aos princípios essenciais unificadores da Igreja universal em todos os lugares e em todas as

épocas. Uma confissão, por outro lado, é uma declaração teológica mais abrangente, mais denominacional do que tradicional".[162]

- Jack B. Rogers: "Enquanto os credos são breves resumos das crenças de toda a igreja, as confissões são declarações mais elaboradas, destinadas à aplicação da fé cristã a um grupo ou região".[163]

- Alistair E. McGrath: "O termo 'credo' nunca é aplicado a declarações de fé associadas a denominações específicas. Estas últimas são frequentemente chamadas de 'confissões'... Uma 'confissão' diz respeito a uma denominação e inclui crenças e ênfases específicas relacionadas a essa denominação; um 'credo' diz respeito a toda a igreja cristã e inclui nada mais e nada menos do que uma declaração de crenças à qual todo cristão deveria poder se vincular".[164]

Além disso, alegar que eu, como presbiteriano, estou contradizendo a Confissão de Fé de Westminster é uma demonstração flagrante da ignorância hiperpreterista da história e eclesiologia presbiteriana. Em primeiro lugar, a assinatura confessional presbiteriana, desde a Lei de Adoção de 1729, tem fornecido um meio para declarar escrúpulos em relação a artigos específicos dos Padrões de Westminster.[165] Pior ainda, os hiperpreteristas desconhecem completamente que os tribunais eclesiásticos presbiterianos americanos adotaram uma forma

---

[162] A. H. Leitch, "Creed, creeds," ZPEB, 1:1028.

[163] Jack B. Rogers, "Creeds and confessions," in ERF, 91.

[164] McGrath, Christian Theology, 19. See also: Mark A. Noll, "Confession," in EDT, 262-63. "Creed," in CBTEL, 2:559.

[165] See: David W. Hall and Joseph H. Hall, eds., Paradigms in Polity: Classic Reformed Readings in Presbyterian Church Government (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), ch. 25: "The Adopting Act" and ch. 26 "The Constitutional History of the Presbyterian Church in the United States of America. See also: John Murray in Hall, The Practice of Confessional Subscription, 247-62. Francis Turretin, Institutes of Elenctic Theology, trans. By George Musgrave Giger, edited by James T. Dennison, Jr. (Phillipsburg, N. J.: P & R Publishing, rep. 1992), 3:283.

emendada da Confissão em 1789 e (em alguns círculos) fizeram emendas e acréscimos adicionais em 1903. A emenda de 1903 omite a declaração sobre o Papa como o anticristo e homem do pecado.[166] A forma da Confissão adotada pela Igreja Presbiteriana na América (minha afiliação denominacional) e pela Igreja Presbiteriana Ortodoxa foi a da revisão de 1789 — com ligeiras diferenças: "A Igreja Presbiteriana na América recebeu a mesma Confissão e Catecismos que foram adotados pela primeira Assembleia Presbiteriana Americana de 1789, com duas pequenas exceções, a saber, a supressão de restrições contra o casamento com parentes da esposa (XXIV, 4), e a referência ao Papa como o anticristo (XXV, 6).[167] Assim, eu não "reformei" a Confissão (contra RGA), nem "escolho" seus artigos (contra DAIS).

[166] See, for instance: "1903 Revision of the Confession of Faith," in Warfield, Selected Shorter Writings, 2:392-93.

[167] From the "Preface" to The Confession of Faith of the Presbyterian Church in America (Brevard, N. C.: Committee for Christian Education and Publication of the Presbyterian Church in America, 1983), v.

G
"Credos São Constantemente Revisados"

Fornecendo mais uma vez evidências de ingenuidade teológica e histórica, os hiperpreteristas tentam se proteger da condenação doutrinária argumentando que os credos são continuamente revisados. Stevens argumenta frequentemente que os credos "estão constantemente se tornando obsoletos por uma compreensão cada vez melhor" (CPO). Ele pondera: "Se os credos da igreja primitiva eram perfeitos e não precisavam de revisão, por que foram revisados e atualizados em concílios subsequentes?" (WICW).

E:

> "Se os credos, confissões e catecismos anteriores eram bastiões infalíveis da ortodoxia, por que os reformadores em vários países europeus compuseram novos ou fizeram alterações neles?" (RGA).

Ele tenta empregar uma declaração de um historiador e crítico social reformado: Gary North observa o "progresso dos credos cristãos", de modo que "os credos têm sido constantemente aprimorados" (RGA). Stevens questiona vários movimentos teológicos: "por que ainda mais doutrinas estão sendo constantemente desenvolvidas hoje (como o movimento reconstrucionista, etc.)? Isso não nos diz algo?" (WICW).

Noe realmente erra feio quando reclama:

> "Afinal, se os credos estivessem certos, qual era o propósito da Reforma?" (BET).

Podemos refutar rapidamente a objeção sobre "qual era o propósito da Reforma" remetendo o leitor às objeções anteriores referentes ao princípio da Reforma e às (supostas) contradições no credoísmo. Além disso, gostaria de salientar que Davis nos lembra que "é importante perceber que o princípio da sola scriptura não implicava para os Reformadores uma rejeição de toda a tradição da igreja. Eles afirmavam o valor e a validade dos credos ecumênicos da igreja primitiva e, de fato, acreditavam que o peso da autoridade patrística apoiava a causa reformada".[168] De fato, na Seção 4 de seu "Discurso Preliminar ao Rei Francisco" em As Institutas, Calvino escreve sobre seus oponentes papais:

> "É uma calúnia nos representar como opostos aos Padres (refiro-me aos antigos escritores de uma era mais pura), como se os Padres fossem apoiadores de sua impiedade. Se a contenda fosse decidida por tal autoridade (para falar nos termos mais moderados), a maior parte da vitória seria nossa".

No entanto, o argumento hiperpreterista não é apenas confuso, toda a sua premissa é fundamentalmente errada: os credos não foram revisados devido a uma mudança na compreensão da doutrina bíblica, mas foram expandidos para incluir detalhes adicionais para responder a novas heresias. Os credos posteriores deixaram o sistema de verdade inalterado, mas o volume da verdade declarada foi expandido.

Ursinus escreve:

> "Por que outros credos... foram formados e recebidos na igreja depois do Credo dos Apóstolos? A isso responderíamos que estes não são propriamente outros credos que diferem em substância do Credo dos Apóstolos, mas são meramente uma repetição e enunciação mais clara de seu significado, na qual algumas palavras

[168] John Jefferson Davis, Foundations of Evangelical Theology (Grand Rapids: Baker, 1984), 226.

> são adicionadas, a título de explicação, por causa dos hereges, que se aproveitaram de sua brevidade e o corromperam".[169]

Assim, é absurdo alegar que os credos estão "constantemente se tornando obsoletos" (CPO). O material mais recente não tornou a teologia anterior "obsoleta", mas sim acrescentou mais detalhes. É por isso que, por exemplo, João Calvino pôde estruturar grande parte de sua discussão nas Institutas em torno do Credo dos Apóstolos — porque ele concordava com ele mesmo neste estágio muito posterior do desenvolvimento teológico. Na "Introdução" da versão McNeill das Institutas, lemos:

> "O corpo do tratado de 1536 consiste em seis capítulos. Quatro são sobre tópicos familiares na história da instrução cristã e então recentemente empregados nos Catecismos de Lutero: a Lei, o Credo [dos Apóstolos], a Oração do Senhor e os sacramentos do Batismo e da Ceia do Senhor".[170]

---

[169] Ursinus, Commentary of Dr. Zacharias Ursinus on the Heidelberg Catechism, 117-18

[170] John Calvin, The Institutes of the Christian Religion, ed. by John T. McNeill, trans. by Ford Lewis Battles (Philadelphia: Westminster, 1960), 1:xxxv-xxxvi.

H
"O Credalismo Possui Perigos Inerentes"

Esta objeção final diz respeito à acusação hiperpreterista de que os credos empregam linguagem humana em vez de linguagem bíblica. Aparentemente conservando parte de sua formação campbellita, Stevens expressa sua preocupação de que os credos "vão além da mera recitação de declarações bíblicas. Eles tentam interpretar a Bíblia". Ele propõe:

> "Se pudesse ser demonstrado que um credo não faz nada além de organizar as doutrinas das Escrituras sem adicionar quaisquer interpretações ou comentários humanos a elas", estaríamos em terreno mais firme. Portanto, "por que não simplesmente seguir o que as Escrituras dizem e, se as Escrituras não esclarecerem, dar liberdade para discordar" (WICW).

Como observado anteriormente, Alexander Campbell "argumentou pelo abandono de... credos, confissões, palavras não bíblicas, frases, especulações teológicas".[171] Campbell argumentou veementemente: "adotamos NOMES BÍBLICOS PARA COISAS BÍBLICAS".[172] Devemos lembrar que essa abordagem até mesmo perigosamente leva Stevens a ponderar sobre a conveniência de adotar as formulações doutrinárias históricas da Trindade.

Mas o problema é mais profundo do que o reflexo campbellita de Stevens. Sua visão se baseia em uma concepção notavelmente superficial a respeito do processo de compreensão humana. Devemos

[171] Miller, Doctrinal Integrity, 12-13.
[172] Campbell, Christian Baptism, 20.

perceber que é impossível para qualquer pessoa ignorar a "interpretação" e ir diretamente ao "significado". Todo significado é interpretação, pois "a linguagem humana, por sua própria natureza, é em grande parte equívoca, isto é, capaz de ser entendida de mais de uma maneira".[173]

Além dessa gafe epistemológica, porém, devemos observar que a heresiologia nos informa que "o surgimento de novas heresias... exigiu elaboração contínua na definição do credo e até mesmo a introdução de nova terminologia para a qual não havia precedente bíblico direto".[174] Isso porque "uma confissão da autoridade das Sagradas Escrituras combinada com a forma particular das palavras nas Escrituras não foi, de fato, suficiente para impedir que erros fatais entrassem na igreja disfarçados de verdade e ortodoxia".[175]

Teólogos reformados, como Calvino, Turretin, Witsius, Gillespie e Miller, defendem expressões não bíblicas nos credos. Mesmo em sua época, Calvino teve que lidar com essa objeção antiga dos hereges:

Ora, embora os hereges possam resmungar e os excessivamente meticulosos criticar a palavra "Pessoa" como inadmissível, em consequência de sua origem humana, já que não podem nos afastar de nossa posição de que três são nomeados, cada um dos quais é Deus perfeito, e ainda assim não há pluralidade de deuses, é extremamente insensato atacar os termos que nada mais fazem do que explicar o que as Escrituras declaram e sancionam. "Seria melhor", dizem eles, "confinar não apenas nossos significados, mas também nossas palavras dentro dos limites das Escrituras, e não espalhar termos estrangeiros que se tornem os futuros focos de brigas e dissensões. Dessa forma, os homens se cansam de discussões sobre

---

[173] Walter C. Kaiser and Moises Silva, An Introduction to Biblical Hermeneutics: The Search for Meaning (Grand Rapids: Zondervan, 1994), 16.
[174] Kelly, WDT, 148.
[175] Robert S. Rayburn, in Hall, The Practice of Confessional Subscription, 21.

palavras; a verdade se perde na altercação, e a caridade se dissipa em meio à contenda odiosa". Se o chamam de termo estrangeiro, porque não pode ser apontado nas Escrituras com tantas sílabas, certamente impõem uma lei injusta — uma lei que condenaria toda interpretação das Escrituras que não seja composta de outras palavras das Escrituras. (Inst. 1:13:1)

Turretin argumenta que "não sustentamos que nada deva ser recebido que não encontremos em tantas palavras nas Escrituras", pois "não buscamos as letras em si, mas a verdade das doutrinas e da adoração". Respondendo à objeção católica romana aos reformadores, ele escreveu:

> "Os arianos frequentemente usavam esse argumento para derrubar o *homoousion*. Os macedônios também negavam a divindade do Espírito Santo simplesmente porque em nenhum lugar das Escrituras está expressamente declarado que o Espírito Santo é Deus".[176]

Witsius sobre palavras não bíblicas nos credos:

> "Entre os artigos claramente contidos nas Escrituras, porém, devemos incluir não apenas aqueles que elas ensinam em palavras expressas, mas também aqueles que, para todos que aplicam suas mentes ao assunto, são obviamente dedutíveis delas por consequência necessária".[177]
>
> "Como os hereges... retêm as palavras das Escrituras, [mas] impõem a elas um sentido estranho e antinatural; a necessidade às vezes nos exige indispensavelmente, com o propósito de detectar as artimanhas dos sedutores com a maior facilidade, expressar o significado genuíno das Escrituras em nossa própria linguagem.

[176] Turretin, Institutes of Elenctic Theology, 1:37, 43.
[177] Witsius, Sacred Dissertations on the Apostles' Creed, 1:20

> Assim, os ortodoxos, há muito tempo, sabiamente se distinguiram dos arianos pelo termo Consustantial".[178]

O teólogo de Westminster, George Gillespie (1613–49), queixou-se de que "o herege mais condenável se oferecerá para subscrever as Escrituras em vez de uma confissão de fé".[179] Samuel Miller concordou:

> "Certamente não será dito, por nenhuma pessoa ponderada, que a Igreja, ou qualquer de seus membros individuais, pode cumprir suficientemente o dever em questão, simplesmente proclamando de tempos em tempos, em meio ao erro circundante, sua adesão e seu apego à Bíblia. Todos devem ver que isso seria, na verdade, não fazer nada como "testemunhas da verdade"; porque não seria fazer nada de peculiar, nada de distintivo, nada que todo herege na cristandade não esteja pronto para fazer, ou melhor, não faça diariamente, tão alto e tão frequentemente quanto a igreja mais ortodoxa. A própria ideia de "dar testemunho da verdade" e de separar-se daqueles que são tão corruptos que a comunhão cristã não pode ser mantida com eles, implica necessariamente algum ato público de discriminação, no qual a Igreja concorda e expressa sua crença nas grandes doutrinas do cristianismo, em contraposição àqueles que creem erroneamente".[180]

Ironicamente, o método hiperpreterista de objeção aqui segue o padrão dos antigos hereges, pois "os Padres de Niceia ficaram constrangidos com a necessidade de adotar terminologia não bíblica para atingir seus fins. Finalmente convencidos de que a compreensão de Ário sobre a natureza do Logos [...] não era ortodoxa, eles tiveram que encontrar uma maneira de excluí-lo, apesar de ele estar feliz em aceitar quaisquer frases extraídas das escrituras e afirmar que elas poderiam e deveriam ser interpretadas de acordo com seu

---

[178] Witsius, Sacred Dissertations on the Apostles' Creed, 1:32-33.
[179] George Gillespie, The Works of George Gillespie (Edmonton, AB: Still Waters Revival Books, rep. 1991), vol. 2, "Miscellanies," 49.
[180] Miller, Doctrinal Integrity, 13.

entendimento".[181] Eusébio menciona isso quando escreve sobre os oponentes do Credo Niceno: "quanto ao anátema publicado por eles No fim da Fé, isso não nos incomodou, porque proibia o uso de palavras que não constavam nas Escrituras, das quais quase toda a confusão e desordem da Igreja provêm" (Epistola Eusebii, 8).

Atanásio em sua Ad Episcopos Ægypti (Aos Bispos do Egito) observa sobre Ário: "Pois ele também fez uso das palavras das Escrituras, mas foi silenciado por nosso Salvador" (§ 8); e "Esses homens... disfarçam seus verdadeiros sentimentos e, em seguida, usam a linguagem das Escrituras em seus escritos, que apresentam como uma isca para os ignorantes, para que possam seduzi-los à sua própria maldade" (§ 9). Mais tarde, sobre Ário, ele observa:

> "O homem astuto... fingiu, como o Diabo, citar as palavras simples das Escrituras, exatamente como elas estão escritas" (§ 18).

Em De Decretis (Defesa da Definição Nicena) de Atanásio, Atanásio cita Ário argumentando:

> "Por que os Padres em Niceia usaram termos que não estão nas Escrituras?" (1:1).

Em última análise, devemos concordar com Murray: "as contradições mais básicas da descrença podem coexistir com uma doutrina inabalável das Escrituras".[182]

---

[181] Frances Young, "Creed," in DBI, 150.
[182] Murray, The Claims of Truth, 1:281.

VI
Conclusão

Uma crítica a qualquer nova construção teológica ou movimento religioso requer uma consideração baseada nos credos históricos do cristianismo ortodoxo como um primeiro passo importante. Este livro deve fornecer insights úteis adicionais para pastores que enfrentam as perturbações que inevitavelmente surgem quando um membro da congregação se interessa pelo Hiperpreterismo. Mas, para nos orientarmos como cristãos ortodoxos, precisamos muito de uma análise doutrinária do problema. Somente após obter tal orientação teológica poderemos prosseguir para considerar questões exegéticas e teológicas.

O Hiperpreterismo é um movimento teológico perigoso por várias razões: Primeiro, seus fundamentos se opõem diretamente às doutrinas da Igreja Cristã histórica. Movimentos teológicos que se opõem aos fundamentos do cristianismo tradicional devem ser questionados desde o início. O intérprete ou grupo de exegetas que concordam com as interpretações históricas e ortodoxas do passado e que se encontram na corrente principal do pensamento cristão não devem ser vistos com suspeita. Em vez disso, aqueles que apresentam desvios inovadores da cristandade histórica merecem um escrutínio cuidadoso. Os credos ajudam a preservar o núcleo essencial da verdadeira fé cristã de geração em geração.

Em segundo lugar, já podemos ver, neste estágio inicial, os efeitos corrosivos das anormalidades teológicas que se desenvolvem dentro do movimento hiperpreterista. Visto que a verdade bíblica é uma vestimenta sem costura, o corte inicial de alguns fios está agora começando a causar o desmantelamento de outras doutrinas. Mudando de metáfora mais uma vez, como acontece com tantos movimentos anti-credais, o hiperpreterismo se soltou da âncora do cristianismo histórico. Consequentemente, está à deriva no mar e em perigo de catástrofes doutrinárias ainda mais graves. Quem poderia imaginar onde os seguidores de Joseph Smith chegariam quando ele começou a criticar os credos da Igreja e das denominações de sua época?[183] Quem sabe, neste estágio, onde a teologia hiperpreterista — já que luta contra a ortodoxia histórica — e o movimento irão parar?

Em terceiro lugar, o perigo do Hiperpreterismo é intensificado por sua capacidade de atrair seguidores por meio do grito perene das seitas: "Nenhum credo além da Bíblia". Ele também finge "erudição" e alega "consistência" como isca para cristãos teologicamente imaturos. Van Baalen lamenta, com razão, que "as seitas são as contas não pagas da igreja".[184] Assim, como observado anteriormente neste capítulo, o movimento está sendo liderado por homens em grande parte desprovidos de formação nas disciplinas teológicas padrão.

---

[183] Michael Maudlin, "Como uma religião falsa pode ser tão bem-sucedida?", Christianity Today 42:7; (15 de junho de 1998): 5. Resenha de The Mormon Story, de Tania Rands Lyon e John Lyon, em Books & Culture, 5:6 (nov.-dez. de 1999): 19: "Outrora a fé mais perseguida nos Estados Unidos, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (a Igreja SUD ou Igreja Mórmon) emergiu como um dos grupos religiosos de crescimento mais rápido e mais influentes do país. Ela desfruta de representação política além de seus 2% da população dos EUA (5% do Senado dos EUA é mórmon, por exemplo) e agora detém ativos estimados em dezenas de bilhões de dólares. É verdadeiramente uma igreja internacional; de fato, a membresia no exterior ultrapassou recentemente a dos Estados Unidos. Se as taxas de crescimento continuarem como o sociólogo Rodney Stark previu, o mormonismo em breve será a mais nova grande religião mundial desde o islamismo".

[184] Jan Karel Van Baalen, The Chaos of Cults: A Study in Present-day Isms (Rev. ed.: Grand Rapids: Eerdmans, 1956), 14.

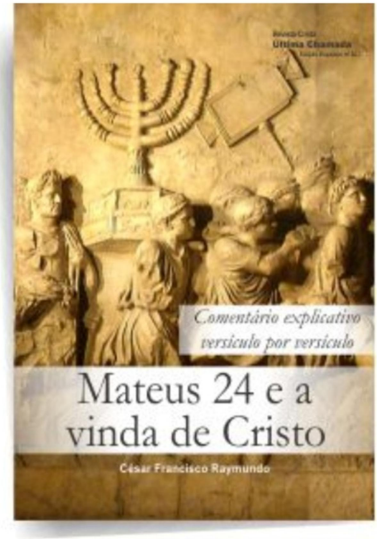
Mesmo em nossa análise de seus argumentos doutrinários, vimos como seu raciocínio sucumbe facilmente à incoerência lógica, é prejudicado pela confusão histórica e se desorienta pela ingenuidade teológica. Esperamos que esta análise de muitos de seus argumentos doutrinários demonstre àqueles incomodados pelo Hiperpreterismo por que muitos de nós consideramos a interação com Hiperpreteristas frustrante, inútil e contraproducente.

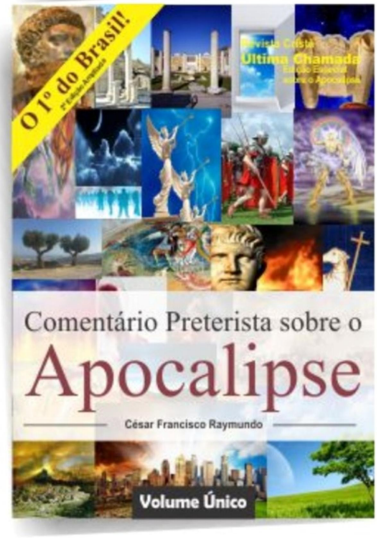
Ironicamente, em última análise, devemos observar que, a menos que o movimento hiperpreterista (em fragmentação) desenvolva algum tipo de "credo" publicado para garantir sua própria saúde e estabilidade, ele continuará a sofrer mutações e a se dividir.

Obras importantes para pesquisa

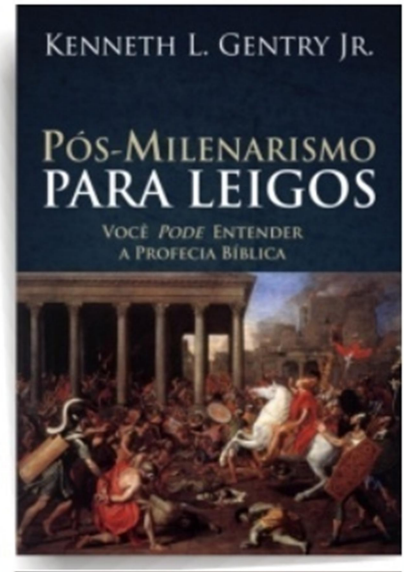
Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org





Revista Cristã
Última Chamada
O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a
Esperança
Pós-milenista?
César Francisco Raymundo


KENNETH L. GENTRY JR.
PÓS-MILENARISMO
PARA LEIGOS
VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA

revista cristã
última chamada
Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico
Jay Rogers

César Francisco Raymundo
revista cristã
última chamada
E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?